

ISTO É

Edição 2 - 12/9/25

A SEMANA

Em julgamento histórico, ex-presidente Jair Bolsonaro é sentenciado a 27 anos e três meses de prisão pelos crimes de golpe de Estado, abolição violenta do Estado Democrático de Direito, organização criminosa e dano qualificado contra patrimônio da União

CONDENADO

ISTO É
sustentável

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Carta ao leitor

A história construída em tempo real

O julgamento da trama golpista realizado nas duas últimas semanas no plenário da 1ª Turma do Supremo Tribunal Federal é um daqueles raros momentos em que a história se constrói em tempo real. Foi a partir dessa premissa que a revista digital IstoÉ A Semana, em seu segundo número, dedicou sua capa e a reportagem principal à condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro e outros sete acusados de articularem um golpe de estado.

Entre a terça-feira, dia 9, e quinta-feira dia 11, o portal IstoÉ e a revista IstoÉ A Semana estruturaram uma força tarefa de mais de 10 profissionais envolvidos



SERGIO LIMA/AFP

O ex-presidente Bolsonaro em prisão domiciliar na quinta, dia 11: condenação no STF

em uma vasta apuração em Brasília e na redação em São Paulo. A iniciativa incluiu desde a cobertura in loco no plenário do STF a análises que traduzissem o contexto de um tema tão complexo. Ao longo dos três dias, foram publicadas no site mais de 170 reportagens em paralelo às quase 40 horas

de transmissão ao vivo dos pronunciamentos dos ministros.

Foi um trabalho exaustivo, que apenas reforça nossa responsabilidade em trazer para nossa audiência e nossos leitores os fatos e as análises que a partir de agora estão inscritos para sempre na história do Brasil.

Índice

FOTO DA CAPA: ERALDO PERES/AP

- 7 BRASIL
- 12 ECONOMIA
- 15 INTERNACIONAL
- 21 TECNOLOGIA
- 23 SAÚDE
- 25 CIÊNCIA
- 26 GENTE
- 28 ESPORTE
- 30 ESTILO DE VIDA
- 32 ENTRETENIMENTO
- 37 OBITUÁRIO
- 39 O MELHOR DAS REDES
- 40 PALAVRA POR PALAVRA



NIRANJAN SHRESTHA

Selfies em meio ao caos no Nepal: crise institucional



REPRODUÇÃO

Iceberg gigante derrete no mar: aquecimento global



LEVI FANAN

Bienal de São Paulo: arte no Parque do Ibirapuera

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL:
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR
E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram: @revistaistoe

YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE

X: @revistaISTOE

TikTok: @revistaistoe

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência:

Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



Thelma Krug foi vice-presidente do IPCC, da ONU

LEONARDO MONTEIRO

Em 2025, o Acordo de Paris, principal tratado climático internacional, completa dez anos. Qual é a importância desse instrumento e como ele guia as discussões sobre política climática?

O Acordo de Paris, que completa dez anos em 2025, é o principal tratado climático sob a Convenção da ONU, ainda em vigor, ao lado do Protocolo de Kyoto (firmado em 1997 para reduzir as emissões de gases de efeito estufa). Mesmo com a saída dos Estados Unidos do Acordo, o país continua vinculado à Convenção e obrigado a cumprir requisitos como inventários de emissões. Esses instrumentos são lentos, mas essenciais. Sem eles, o avanço global para enfrentar a crise climática teria sido muito menor. O Acordo não trata apenas de mitigação e do limite de manter o aquecimento bem abaixo de 2°C acima dos níveis pré-industriais e perseguir chegar a 1,5°C, mas também de justiça climática, equidade, adaptação, resiliência e desenvolvimento sustentável. Dez anos depois, há progressos, mas ainda insuficientes diante da crise climática.

Ainda falta muito a ser feito por todas as nações?

É complexo. Há uma diferenciação muito grande entre os países. Se olharmos para a COP do clima, ela tem 196 países membros que têm de acordar nas suas decisões de forma consensual. É um desafio enorme considerando que cada país tem as suas próprias especificidades, suas próprias circunstâncias nacionais. Muitas vezes, algumas nações não colocam em prioridade outras a não ser que elas recebam algum estímulo externo, como, por exemplo, financiamento, capacitação e transferência de tecnologia. Ou seja, não falamos só sobre dinheiro. A questão é conseguir que os países desenvolvidos, particularmente, apoiem os países em desenvolvimento, os mais vulneráveis, e que têm maior dificuldade para implementar ações.

Uma das metas mais conhecidas do Acordo de Paris é a de limitar o aquecimento do planeta a 1,5°C. Ao mesmo tempo, a ciência mostra que os compromissos assumidos e

A COP para cair na real

Em um momento crítico para o planeta, Thelma Krug, líder do Conselho Científico da COP30, defende a ideia de mutirão entre países, empresas e cidadãos para frear o aquecimento global

A expectativa em torno da COP30, a conferência do clima em Belém, em novembro, é que ela seja decisiva para fortalecer as metas do Acordo de Paris neste momento de alerta: se não houver cortes drásticos nas emissões, o planeta deve ultrapassar a marca de 1,5 °C de aquecimento nas próximas duas décadas. Apesar das dificuldades por conta da infraestrutura na cidade, a escolha da Amazônia como sede dá peso simbólico e político

às negociações, afirma Thelma Krug, coordenadora do Conselho Científico da COP30. Ela aponta que, após três COPs “muito ricas”, esta trará a realidade de um país que enfrenta desafios, inclusive sociais, como o Brasil. Thelma é pesquisadora aposentada do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e ex-vice-presidente do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, da ONU).

Jennifer Ann Thomas

anunciados pelos países não correspondem a esse objetivo. Na sua avaliação, ainda é possível manter essa meta e por que é tão importante mantê-la viva?

O ano passado foi atípico e registrou quase 1,6 °C, mas isso não significa que a meta de 1,5 °C já tenha sido ultrapassada. O IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, da ONU) avalia a temperatura média em séries de 20 anos, e hoje o aumento está em torno de 1,35 °C, segundo estimativas consistentes com a Organização Meteorológica Mundial. A diferença é a velocidade inédita do aquecimento atual, o que torna a janela de ação muito pequena e exige mais ambição em mitigação, adaptação e resiliência. Mesmo que ultrapássemos 1,5 °C, a ciência trabalha com a ideia de overshoot: uma ultrapassagem temporária, da qual seria possível retornar até o fim do século. A expectativa é que a COP30 reforce que ainda não passamos desse limite e que será preciso revisar metas já apresentadas para 2030 e 2035, ampliando a ambição. O Brasil submeteu sua meta em 2024, mas poucos países o fizeram, e não podemos esperar uma década para ajustar trajetórias incompatíveis com o objetivo de 1,5 °C.

Ao falar sobre overshoot, esse conceito também traz uma mensagem de esperança, certo? E interfere na forma como as negociações acontecem?

Sim, sem dúvidas. O ano passado, por ter sido muito atípico, trouxe uma certa comoção. Eu gosto de ter muito o pé no chão, busco não ser muito catastrófica. A questão é difícil. Sabemos que estamos passando por momentos difíceis. Tratar a crise climática vai exigir muito, mas temos de ter uma sinalização de esperança, de que as coisas podem ser diferentes. O sucesso de uma COP não deve ser medido apenas por resultados imediatos, mas pela preservação do multilateralismo. A ideia do “mutirão”, citada pelo embaixador André Corrêa do Lago (presidente da COP30), refor-

ça que governos, empresas e cidadãos têm responsabilidades compartilhadas. Essa mobilização coletiva pode transformar a COP em um marco de implementação, ampliar o engajamento e abrir caminho para uma educação mais coerente com os desafios da crise climática.

A questão da infraestrutura em Belém dominou o debate sobre a COP30 no Brasil. Qual é a importância de manter esse evento na Amazônia?

Costumo dizer que essa é a COP de cair na real. Saímos de três COPs muito ricas. Há países muito pobres que vêm só com um membro na sua delegação,

“As decisões da COP falam em triplicar a capacidade de renováveis ou alcançar desmatamento zero, mas não apontam países específicos. Cada nação precisa mostrar como contribui para concretizar as metas. Outro ponto é o financiamento, um dos gargalos”

enquanto outros vêm com 500. Acho que a COP deveria ser mais justa e dar iguais condições de participação para todos. Talvez essa dificuldade de infraestrutura, por si só, reduza essa grande discrepância em termos de número de participação dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento. Agora, a representação dos países em desenvolvimento, que são a maioria, precisa ser garantida em plena voz, principalmente em um momento tão crítico como estamos. Espero que se construam as condições para que eles possam vir para a COP. Ao mesmo tempo, a COP em Belém é uma oportunidade. Muitos países não têm noção do que é a nossa Amazônia. Não têm noção do que é o mar verde. Não tem noção, também, de que Belém é uma cidade linda, rica em termos históricos, e com enormes desafios sociais. Há preocupações com saneamento, com a qualidade de vida, e isso vai ficar visível. Então, vai

ser uma COP diferente, uma COP que traz a realidade de um país considerado desenvolvido, porque as pessoas nos conhecem superficialmente. Não conhecem o âmago do nosso país nas suas origens, nas suas dificuldades que estão, em grande parte, na Amazônia.

E qual é a sua expectativa em relação ao legado ou aos principais desdobramentos das discussões que vão acontecer em novembro?

Vejo vários legados possíveis. O primeiro é o da implementação. O embaixador André deve conduzir a conferência com foco em transformar em ação o que já foi acordado. Muito já está no papel, agora a questão é como implementar. As decisões da COP são globais, elas falam em triplicar a capacidade de renováveis ou alcançar desmatamento zero, mas não apontam países específicos. Cada nação precisa mostrar como está contribuindo para concretizar essas metas. Outro ponto é o financiamento, um dos grandes gargalos, mas não o único. Há expectativa de que o mutirão ajude a avançar nesse tema. Além disso, acredito que a liderança poderá vir dos países em desenvolvimento.

Apesar de os textos da Convenção e do Acordo de Paris atribuírem esse papel às nações desenvolvidas, vejo sinais de engajamento dos países em desenvolvimento em assumir responsabilidades, o que pode estimular os demais a se comprometerem mais.

Nos últimos anos, o setor privado passou a participar mais ativamente das conferências do clima. Qual é o papel das empresas nessa agenda de implementação para atingir as metas do Acordo de Paris e outras previstas?

O setor privado é fundamental. Os relatórios do IPCC já apontavam a importância de envolver empresas, sociedade civil, povos indígenas e diferentes níveis de governo em uma governança mais inclusiva. A crise climática não pode ser enfrentada apenas por governos nacionais, ela exige parcerias amplas. A ciência mostra que, embora



“A crise climática vai exigir muito, mas temos de sinalizar esperança”

REPRODUÇÃO

a discussão inclusiva seja complexa, a implementação se torna mais fácil quando há consenso entre diversos atores. Não existe enfrentar a crise climática sem o setor empresarial. Mas, para que isso aconteça, são necessárias políticas públicas que incentivem o engajamento privado. Muitas empresas têm vontade de contribuir, mas esbarram no risco de inovar sozinhas. A construção de parcerias público-privadas é essencial para viabilizar ações. Essa agenda de implementação inclui 30 objetivos-chave, abrangendo agricultura, florestas, água e oceanos. É um pacote ambicioso, no qual cada ator decide se adere ou não. Um exemplo é o compromisso de redução de metano (gás com forte potencial de aquecimento), que não contou com adesão universal, mas avançou entre os que participaram. O consenso nas COPs é um desafio, pois cada país, grande ou pequeno, tem o mesmo peso e poder de veto. O próprio limite de 1,5 °C foi difícil de aprovar.

Países insulares aceitaram a meta a contragosto, já que para eles esse limite ainda representa riscos graves de perda territorial devido à elevação do nível do mar, algo que, em parte, já está acontecendo e é irreversível.

Quando falamos em agenda de implementação, depois de tantos anos de discussão do Acordo de Paris, o que significa, na prática, implementar?

Implementar começa pela identificação de ações concretas. Temos recebido muitas propostas, por exemplo, ligadas ao oceano, um tema que, embora mencionado de forma vaga desde a Convenção, só recentemente passou a ser tratado de maneira efetiva, impulsionado pela Década do Oceano (iniciativa global da ONU, coordenada pela Unesco, lançada em 2021). Essas ações podem envolver adaptação, perdas e danos ou melhoria de dados científicos, como a instalação de torres de medição para

modelagem climática. Algumas medidas são relativamente simples e podem ser coordenadas com facilidade. Outras exigem mais recursos e dependem de financiamento robusto, o que torna o processo mais complexo. A implementação, portanto, não se resume a dinheiro, mas muitas vezes esbarra nele. O contraste fica evidente quando se observa os subsídios ainda destinados a combustíveis fósseis, volumes muito superiores aos cerca de US\$ 5 trilhões anuais que a ciência estima como necessários para mitigação e adaptação. Além disso, os gastos crescentes com guerras e defesa drenam ainda mais recursos que poderiam ser canalizados para enfrentar a crise climática. Esse descompasso é um dos pontos mais sensíveis do debate sobre implementação.

Governos, empresas e COPs se apoiam em dados e relatórios, mas qual é o papel da ciência nesse processo e para orientar a tomada de decisões?

A ciência é fundamental. Sem ela, não há base sólida para decisões corretas. Os mesmos países que negociam nas COPs são os que participam do IPCC e aprovam seus relatórios. Muitas vezes, até as mesmas pessoas estão envolvidas nos dois processos. O Acordo de Paris, por exemplo, nasceu do alerta científico sobre riscos crescentes identificados no relatório do IPCC de 2014, que já mostrava impactos observados e projetados em todos os setores da economia, mesmo com aumentos pequenos de temperatura. O acordo reconhece explicitamente que suas metas se baseiam na ciência mais atual. Ainda assim, alguns governos alegam que a ciência é incerta. Os cientistas, no entanto, são claros: já existe evidência suficiente, com alto grau de confiança, para justificar ação imediata. O custo da inação é muito maior que o da ação. Eventos recentes, como as enchentes no Rio Grande do Sul, ilustram isso. Um desastre extremo gera custos bilionários e tende a se repetir com mais frequência conforme a temperatura global sobe. A mensagem é clara: precisamos agir agora. A janela para enfrentar a crise climática ainda está aberta, e cabe à nossa geração garantir às próximas um futuro de qualidade. ■

*O ex-presidente
em sua casa no dia
da condenação:
defesa tentará
reverter a sentença*



SERGIO LIMA/AFP

27 ANOS

Em uma decisão inédita, a Primeira Turma do STF condena ex-presidente Jair Bolsonaro por tentativa de golpe de Estado e outros quatro crimes

Depois de dias de expectativa, a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) tomou sua decisão – e ela foi dura. O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) foi condenado a 27 anos e 3 meses de prisão por articular uma tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022. A punição foi definida por quatro votos a um, conhecidos ao final desta quinta-feira, 11, quando também foram estabelecidas as penas de Bolsonaro e de mais sete réus que formam o chamado “Núcleo 1” da trama golpista. Com isso, o julgamento antes previsto para acabar na sexta-feira, teve seu fim antecipado.

O resultado é histórico: pela primeira vez no Brasil um ex-presidente da República e militares são condenados por atentar contra o Estado Democrático de Direito. Os votos que condenaram o ex-presidente foram dados, pela ordem, pelos ministros Alexandre de Moraes, relator do processo, Flávio Dino, Cármen Lúcia e Cristiano Zanin, presidente da Primeira Turma. Luiz Fux se posicionou pela absolvição do réu.

A maioria foi formada, após 23,9 horas dessa fase do julgamento (tempo das falas dos magistrados, descontadas

as pausas), quando a ministra deu a conhecer seu parecer. Cármen corroborou os argumentos da Procuradoria-Geral da República (PGR) e entendeu haver provas robustas da participação de Bolsonaro no esquema golpista. O ex-presidente foi condenado por cinco crimes: tentativa de golpe de Estado, abolição violenta do Estado Democrático de Direito, organização criminosa, dano qualificado contra patrimônio da União e deterioração de patrimônio tombado. A defesa de Bolsonaro nega todos eles.

Moraes abriu a leitura de votos na terça, 9. Em sua explanação, o ministro apresentou os 13 atos executórios (eventos) que, em seu parecer, comprovam a existência da organização criminosa golpista e sua ação coordenada e planejada para tentar reverter os resultados das eleições e manter Bolsonaro no poder. Entre eles, estão a reunião do ex-presidente com embaixadores, em julho de 2022, quando o ex-mandatário convocou diplomatas para desacreditar o sistema eleitoral brasileiro; os bloqueios de estradas pela Polícia Rodoviária Federal no segundo turno das eleições, em uma tentativa de impedir o

acesso às urnas de eleitores do Nordeste, região em que Luiz Inácio Lula da Silva – com quem disputava a eleição – tinha a preferência de votos; e o planejamento da Operação Punhal Verde e Amarelo, que visava o assassinato de Lula, do vice-presidente Geraldo Alckmin e do próprio Moraes – confira a lista dos 13 atos à pág. 9.

Em seu voto, Moraes fundamentou a condenação de Bolsonaro e dos sete réus do “Núcleo 1” – Alexandre Ramagem, deputado federal (PL-RJ); Almir Garnier Santos, almirante e ex-comandante da Marinha; Anderson Torres, delegado da Polícia Federal (PF) e ex-ministro da Justiça; Augusto Heleno, general e ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI); Paulo Sérgio Nogueira, general e ex-ministro da Defesa; Walter Braga Netto, general e ex-ministro da Casa Civil; e Mauro Cid, tenente-coronel, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro e o delator.

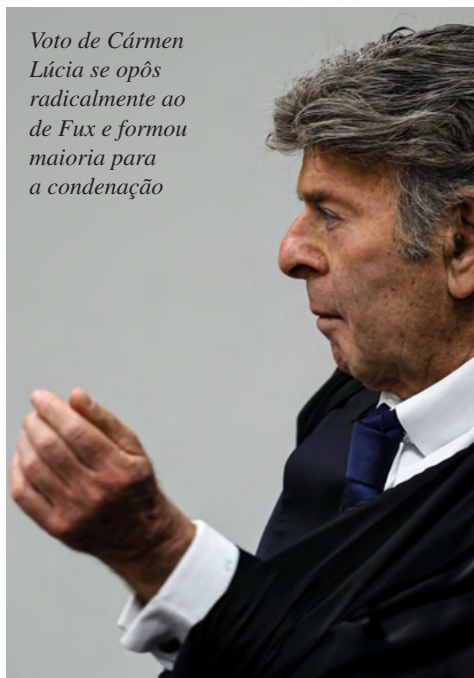
A argumentação de Moraes se aprofundou na “minuta do golpe”, um documento que, segundo a acusação, Bolsonaro editou, aprovou e apresentou aos comandantes das Forças Armadas. Esse plano previa a declaração de Estado de Defesa, a anulação do pleito e a prisão de autoridades, incluindo o próprio ministro. A pressão sobre os militares para aderirem à ruptura é um ponto central da justificativa, corroborada pelos depoimentos dos então comandantes do Exército e da Aeronáutica, que se recusaram a participar, em contraste com o aval dado pelo chefe da Marinha. O voto não se ateve apenas a discursos, mas a atos concretos que configurariam uma tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito.

Apartes e voto de Dino

No primeiro dia da apresentação dos votos, na terça-feira, 9, um dos momentos que repercutiu nas redes sociais foi quando Fux questionou Moraes após uma intervenção de Dino interromper a leitura de seu voto. “Nós combinamos que os ministros votariam direto, sem intervenções dos colegas. Gostaria de cumprir o que combinamos”, disse Fux. “Mas esse aparte foi pedido a



Voto de Cármen Lúcia se opôs radicalmente ao de Fux e formou maioria para a condenação



FOTOS MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Para o ministro Zanin, Bolsonaro foi o maior beneficiado das ações

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

mim, não a Vossa Excelência”, rebateu Moraes. Dino, por sua vez, comentou que não pediria apartes ao magistrado. “Pode dormir em paz”, brincou.

Dino, na sua leitura, fez uma distinção entre os níveis de responsabilidade dos réus. Ele defendeu a aplicação de penas pesadas para Bolsonaro, a quem apontou como líder do plano golpista, e para Braga Netto, considerado um dos principais articuladores das medidas. Também defendeu rigor para Garnier, Torres e Cid. A principal observação de seu parecer foi a sugestão de penas mais brandas para Augusto Heleno, Ramage e Nogueira. Para os três, Dino propôs uma punição abaixo do mínimo legal, justificando que eles tiveram uma “participação minoritária” na trama.

Um dia inteiro de Fux

A quarta-feira, 10, foi dominada por Fux, que divergiu dos seus pares e defendeu a absolvição de Bolsonaro e de cinco réus. Ele condenou Cid e Braga Netto pe-

lo crime de tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito.

Em sua longa leitura – que chegou a 11h30, sem contar as pausas –, Fux citou vícios processuais que, em sua visão, deveriam anular todo o processo. Um argumento provocou barulho nas redes: ele afirmou a incompetência da Primeira Turma do STF para conduzir o julgamento. Fux sustentou que, por se tratar de uma ação de enorme relevância institucional, o caso deveria ser analisado pelo plenário da Corte, e não por um colegiado menor, afirmando que rebaixar a competência significar “silenciar as vozes” dos outros ministros. Além disso, o magistrado disse que réus sem foro por prerrogativa de função deveriam ser julgados pela primeira instância. Desse modo, a manutenção do caso no STF poderia configurar a criação de um “tribunal de exceção”.

Fux também se referiu a um grave cerceamento de defesa, provocado, em

Confira os 13 pontos que embasaram a denúncia

Os eventos que marcaram a cronologia da trama golpista, segundo Alexandre de Moraes

- 1** Utilização de órgãos públicos para o monitoramento de adversários políticos e execução da estratégia de atentar contra o Poder Judiciário, especialmente a Justiça Eleitoral;
- 2** Atos executórios públicos ainda em 2021, como lives e entrevistas com graves ameaças à Justiça Eleitoral e divulgação massiva de desinformação sobre as urnas;
- 3** 7 de setembro de 2021: discurso do ex-presidente Bolsonaro em que houve emprego de “grave ameaça” na tentativa de restringir o exercício do Poder Judiciário;
- 4** Reunião ministerial de 5 de julho de 2022 em que o ex-presidente reafirma fraude no processo eleitoral e os possíveis cenários para uma tentativa de golpe, buscando a adesão dos ministros de Estado. O encontro incluiu o candidato a vice-presidente derrotado, Braga Netto, e os comandantes das Forças Armadas;
- 5** Reunião com embaixadores, em 18 de julho de 2022, quando Bolsonaro chamou diplomatas de outros países para desacreditar o sistema eleitoral brasileiro;
- 6** Bloqueios de rodovias pela Polícia Rodoviária Federal no segundo turno das eleições, em uma tentativa de impedir eleitores do Nordeste de acessar os locais de votação;
- 7** Utilização indevida da estrutura das Forças Armadas para elaboração do relatório de fiscalização do sistema eletrônico de votação, do Ministério da Defesa;
- 8** Atos executórios pós-eleição: incluiu diversos atos que ocorreram após o segundo turno. Entre eles, o monitoramento de autoridades, reuniões das forças especiais, os chamados “kids pretos”, atos violentos em Brasília nos dias da diplomação do presidente Lula e do vice Geraldo Alckmin, além do atentado a bomba no aeroporto da capital;
- 9** Planejamento da Operação Punhal Verde e Amarelo e do Plano Copa 2022;
- 10** Atos executórios da Operação Punhal Verde Amarelo e outras ações, incluindo o monitoramento do presidente eleito e a apreensão de um discurso pós-golpe;
- 11** A minuta do Golpe de Estado e a apresentação do documento aos representantes das Forças Armadas;
- 12** Atos de 8 de Janeiro de 2023 na Esplanada dos Ministérios, em Brasília;
- 13** Planejamento de um “gabinete de crise” que seria acionado após a consumação do golpe de Estado.

suas palavras, pela disponibilização tardia e desorganizada de um volume monumental de provas – um “tsunami de dados” de 70 terabytes –, o que teria violado o direito ao contraditório. Sobre os atos de 8 de janeiro de 2023, defendeu que não se pode imputar aos réus a responsabilidade criminal por danos causados por terceiros.

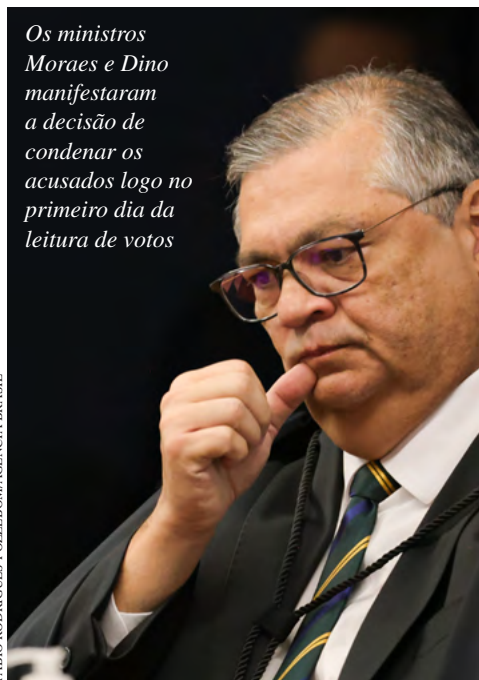
A decisão de Cármen Lúcia

Na volta das leituras de voto, na quinta-feira, Cármen Lúcia afirmou haver “prova cabal” de que Bolsonaro liderou um grupo-chave para executar um plano sistemático de ataque à democracia, com o objetivo de impedir a alternância de poder. Rebatendo diretamente um argumento de Fux, a ministra rejeitou a tese de incompetência do STF para julgar o caso, citando sua posição consistente desde o mensalão. Cármen Lúcia também afastou a alegação de cerceamento de defesa, declarando que os advogados tiveram amplo acesso às provas e não demonstraram prejuízo concreto. Com seu voto, validou a delação de Mauro Cid como prova fundamental.

O parecer da ministra até se confirmar a maioria que determinou a condenação de Bolsonaro durou 1h17. A agilidade de Cármen Lúcia em expor seus argumentos permitiu que o processo se acelerasse. O presidente da Primeira Turma fechou a fase de votos. Zanin apontou o ex-presidente como líder da tentativa de golpe de Estado, argumen-



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Os ministros Moraes e Dino manifestaram a decisão de condenar os acusados logo no primeiro dia da leitura de votos

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

tando que “todos procuraram a ele se reportar”. Ele afirmou que Bolsonaro foi “o maior beneficiado das ações”. Para Zanin, os discursos do ex-presidente não foram críticas legítimas, mas uma “estratégia de corrosão progressiva da confiança” nas instituições. Além disso, argumentou que a trama superou a mera cogitação do golpe, pois Bolsonaro “deu aval para que atos violentos fossem planejados e executados” para se manter no poder.

A reação de Flávio Bolsonaro

Depois que a ministra Cármen Lúcia anunciou seu voto pela condenação do

ex-presidente, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) disse que o Supremo está perseguindo seu pai e acusou a corte de fazer “justiçamento”. No X, o filho “01” de Jair Messias escreveu “Alexandre de Moraes acaba de provar que transformou o STF num grande teatro e usou a caneta para se vingar de Jair Bolsonaro. A mais alta corte do Judiciário está fazendo um justiçamento com as próprias mãos em praça pública. Suprema perseguição. Querem matar Bolsonaro”.

A grande pergunta é o que acontece depois de uma decisão de tal envergadura. A praxe é que os réus recorram em liberdade. A pena só começa a ser cumprida depois que todos os recursos forem analisados. Como Bolsonaro já cumpre prisão domiciliar, é possível que ele se mantenha assim. O mesmo pode ser entendido no caso de Braga Netto. O tempo que permanecerem nessa condição depois é descontado da pena.

Na esfera da política, é esperado que o movimento pela anistia dos réus do “Núcleo 1”, encabeçado por Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, ganhe intensidade. O bolsonarismo tentará encontrar seu caminho no Congresso, enquanto os advogados de Bolsonaro e dos demais condenados da ação penal 2668 preparam suas defesas, inclusive com recursos apresentados em cortes internacionais. Ainda há muito a ser jogado. ■

As penas de cada um dos réus

- **Jair Bolsonaro:** 27 anos e 3 meses de prisão, 124 dias-multa, com cada dia equivalente a dois salários mínimos
- **Walter Braga Netto:** 26 anos, além de 100 dias-multa, sendo um salário mínimo por dia
- **Anderson Torres:** 24 anos e 100 dias-multa, sendo um salário mínimo por dia
- **Almir Garnier:** 24 anos e 100 dias-multa, sendo um salário mínimo por dia
- **Augusto Heleno:** 21 anos e 84 dias-multa, sendo um salário mínimo por dia
- **Paulo Sérgio Nogueira:** 19 anos e 84 dias-multa, sendo um salário mínimo por dia
- **Alexandre Ramagem:** 16 anos e 50 dias-multa, sendo um salário mínimo por dia
- **Mauro Cid:** 2 anos, além da restituição dos valores e benefícios estendidos a familiares

Sem filtro, nem moderação

Ao liderar o movimento pela anistia de Bolsonaro e confrontar o STF, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, adere ao discurso radical e se consolida como a principal força da direita para 2026

Ao subir no trio elétrico na avenida Paulista nas comemorações do 7 de Setembro, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), não fez apenas um discurso. Ele assinou um manifesto e cruzou uma linha que o separa definitivamente do campo da moderação para consolidá-lo como o herdeiro do bolsonarismo. “Ninguém aguenta mais a tirania de um ministro como Alexandre de Moraes”, bradou, em um ataque calculado ao STF, selando seu novo posicionamento no tabuleiro político nacional. Aquele que era visto como um perfil técnico, um “bolsonarista não raiz”, promoveu em poucos dias uma metamorfose. A guinada começou no fim de agosto, quando prometeu que seu primeiro ato como presidente seria conceder um indulto a Jair Bolsonaro, de quem foi ministro da Infraestrutura. Em seguida, articulou em Brasília, junto a lideranças do Congresso, um projeto de anistia para livrar da ilegibilidade e da prisão seu padrinho político. O discurso na Paulista foi o ápice de uma estratégia para silenciar os críticos internos e se credenciar como a liderança viável da direita para a disputa de 2026.

A ofensiva respondeu a cobranças de figuras como o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e o pastor Silas Malafaia. Ao abraçar a pauta da anistia e a retórica contra o Judiciário — bandeiras mais caras ao bolsonarismo radical —, Tarcísio oferece um atestado de fidelidade, neutraliza potenciais concorrentes e assume o protagonismo. A manobra solidifica sua base mais fiel, ainda que, em um primeiro momento, afaste o eleitor de centro.

Analistas apontam que a estratégia é mais política do que eleitoral no curto prazo. Ao se demarcar como o sucessor



A ofensiva de Tarcísio responde a cobrança de figuras-chave do bolsonarismo

NELSON ALMEIDA/AFIP

de Bolsonaro, Tarcísio ganha a confiança do núcleo duro do movimento, reduz o espaço para uma candidatura da família do ex-presidente e começa a construir uma coalizão em torno de seu nome. Segundo Renato Dorgan, presidente do instituto de pesquisas Traversia, embora perca momentaneamente o eleitor que busca uma alternativa moderada, o governador tem grande potencial para reconquistar esse grupo mais adiante, posicionando-se como a resposta firme aos problemas de economia e segurança pública que o governo atual não consegue solucionar. Essa “validação” do discurso radical, como aponta a pesquisadora Lilian Sendretti, do Cebrap, unifica o bolsonarismo em torno de narrativas de perseguição e vitimismo, com o STF como alvo central. Tarcísio migrou de uma posição de omissão para a de protagonista dessa agenda. Para a antropóloga

Isabela Kalil, da Fesp-SP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo), o governador representa um “bolsonarismo de baixa intensidade”: menos explícito que o ex-presidente, mas que opera na mesma lógica de erosão democrática ao deslegitimar as decisões judiciais por meio da articulação pela anistia.

De acordo com Leandro Cosentino, cientista político e professor do Insper, no pós-redemocratização, São Paulo não havia tido um governador da direita radical. “Houve perfis, como Orestes Quércia e Fleury Filho, que flertaram com a direita; depois tucanos, como Mário Covas, Geraldo Alckmin e José Serra, com um perfil de centro; agora, uma liderança bolsonarista”. Isso deixa o campo da moderação mais restrito para a disputa de 2026. E abre espaço para a reedição da polarização que marcou as eleições de 2018 e 2022. ■

Alívio limitado

Queda na conta de luz puxou índice de preços ao consumidor para -0,11% em agosto mas há inflação disseminada entre alguns produtos da cesta e em serviços

O Brasil registrou em agosto sua primeira deflação em um ano. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a inflação oficial do país, marcou -0,11%, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na quarta-feira, 10. O resultado, puxado principalmente pela queda no preço da energia elétrica residencial, é o recuo mais intenso desde setembro de 2022. No entanto, o cenário de fundo exige cautela: no acumulado de 12 meses, a inflação ainda está em 5,13%, acima do teto da meta do governo, de 4,5%. No ano, o índice acumula alta de 3,15%.

O grande responsável pela queda no índice foi o grupo habitação (-0,90%), onde a energia elétrica residencial despencou 4,21%, exercendo o maior impacto negativo individual no IPCA. A explicação está no 'Bônus de Itaipu', um crédito extraordinário na fatura que beneficiou milhões de consumidores. Contudo, Fernando Gonçalves, gerente da pesquisa do IBGE, alerta que o efeito é pontual. "No mês que vem terá variação mais alta", afirmou para a Agência Brasil, indicando que o bônus não se repetirá em setembro e a pressão sobre as contas de luz deve retornar. O alívio também foi sentido nos su-

permercados e postos de combustível. O grupo Alimentação e bebidas caiu 0,46%, na terceira queda seguida, com recuos importantes em itens como tomate (-13,39%), batata-inglesa (-8,59%) e arroz (-2,61%). O grupo Transportes recuou 0,27%, impulsionado pela gasolina (-0,94%) e pelas passagens aéreas (-2,44%). Somados, os três grupos (Habitação, Alimentação e Transportes) foram responsáveis por um impacto de -0,30 ponto percentual. Sem eles, o IPCA de agosto teria sido uma alta de 0,43%, segundo o IBGE.

Apesar da deflação no índice geral, a alta de preços não deu trégua. Quatro dos nove grupos pesquisados registraram aumento, como Educação (0,75%) e Saúde e Cuidados Pessoais (0,54%). Um indicador que acende o alerta é o índice de difusão, que mede o espalhamento dos aumentos. Ele subiu de 50% em julho para 57% em agosto, mostrando que, embora alguns itens importantes tenham barateado, a inflação se tornou mais disseminada entre os produtos da cesta do consumidor.

A principal preocupação de analistas e do Banco Central (BC), porém, reside na inflação de serviços. Embora tenha desacelerado no mês, de 0,59% para 0,39%, ela segue resistente. No acumulado de 12 meses, a alta nos serviços passou de 6,01% para 6,17%.

Este dado é um termômetro das pressões de demanda na economia, indicando que o mercado de trabalho aquecido e o consumo das famílias continuam a impulsionar os preços em setores de mão de obra intensiva.

O resultado de agosto reforça a estratégia do BC de manter a taxa Selic em 15% ao ano por um "período bastante prolongado". Para Rafael Perez, economista da Suno Research, o cenário justifica a cautela. "O qualitativo da inflação — ligado a serviços e à demanda doméstica — permanece resistente", avalia. Segundo ele, essa dinâmica limita um processo mais rápido de desinflação. Portanto, enquanto o número de agosto traz um respiro, a batalha contra a alta de preços está longe de terminar. ■

Queda na energia elétrica residencial: impacto do crédito extraordinário conhecido como "Bônus de Itaipu"

IMAGEM GERADA POR IA



A jogada da Amazon no delivery

Com investimento milionário no Rappi, gigante de Jeff Bezos intensifica disputa pelo setor na América Latina, fazendo frente a concorrentes como Mercado Livre e iFood

Um movimento estratégico promete redesenhar o mapa do delivery e do e-commerce na América Latina. A Amazon, fundada por Jeff Bezos, teria fechado um acordo de investimento de US\$ 25 milhões no aplicativo colombiano Rappi. As informações são da agência Bloomberg. Embora ambas as empresas mantenham discrição oficial – a big tech declarou que “não comenta rumores” e o app optou pelo silêncio –, os rumores em torno da operação indicam uma jogada que pode culminar na aquisição de até 12% da plataforma de entregas pela gigante tecnológica. O acordo foi estruturado por meio de uma nota conversível, um mecanismo financeiro que funciona como um empréstimo, mas com a expectativa de converter o valor em ações no futuro. Segundo o advogado Fernando Canutto, sócio do Godke Advogados, o modelo é ideal para testar a entrada em um novo setor de forma cautelosa. “Quando empresas desse porte fazem movimentos estratégicos, sempre há a possibilidade de análise por parte das autoridades para verificar se há concentração de mercado. Esse mecanismo permite uma aproximação gradual”, explica. Não é a primeira vez que os caminhos das duas se cruzam. No México, clientes Amazon Prime já desfrutaram de entregas gratuitas via Rappi, e a plataforma colombiana é cliente da Amazon Web Services (AWS), o braço de computação em nuvem de Bezos. Agora, a parceria sobe de nível. A iniciativa é uma resposta direta da

Amazon à acirrada disputa pelo varejo latino-americano. Atualmente, a empresa corre atrás de concorrentes como Mercado Livre, líder absoluto na região, e Shopee, que avança agressivamente. Ambas superam a Amazon em número de galpões logísticos e acessos de consumidores no Brasil. De acordo com o advogado Eduardo Brasil, do Fonseca Brasil Advogados, a aliança é um atalho genial. “A Amazon ganha acesso a uma rede logística que seria custosa e demorada para desenvolver do zero, acelerando sua competitividade sem assumir integralmente os riscos regulatórios e operacionais da região”, afirma. Para o Rappi, o aporte vai muito além do caixa. A empresa, que atua em nove países e tem expandido seu portfólio para além dos restaurantes, vendendo até roupas da marca Insider, ganha um selo de aprovação de peso. “O endosso de uma big tech como a Amazon fortalece sua narrativa de crescimento, sobretudo no momento em que a empresa avalia realizar um IPO. O investimento agrega liquidez, reputação e perspectiva de escalabilidade”, analisa Brasil. A parceria pode trazer ao Rappi novas ferramentas também em sua corrida para crescer em entregas de comida pronta. A empresa anunciou este ano

MONTAGEM COM FOTO DE ALEXANDRE ARIAS



R\$ 1,4 bilhão em investimentos neste segmento. Em menos de um mês, outras duas companhias fizeram comunicados similares: a 99Food apresentou um plano de R\$ 1 bilhão, e a Meituan, de R\$ 5,6 bilhões. Atualmente, a líder do setor no país, com 80% do mercado, é a brasileira iFood.

A união Amazon-Rappi deve forçar todos a reverem suas estratégias. Para Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos, o grande beneficiado será o consumidor final. “Hoje, a situação não é tão benéfica para o consumidor e para os restaurantes. Essa concorrência é muito boa, pois deve resultar em serviços melhores e taxas mais justas”, avalia. A chegada de novos players, segundo ele, já provocou uma queda nas tarifas cobradas dos estabelecimentos. ■

A volta do bichinho virtual

Reinventado, o Tamagotchi conquista os jovens, supera marca de 100 milhões de unidades vendidas e tem versões que chegam a R\$ 900

Um pequeno dispositivo em formato de ovo que exigia atenção e cuidado constantes marcou a infância de milhões de pessoas nos anos 1990. Quase 30 anos depois, o Tamagotchi não apenas sobrevive na era dos smartphones, como demonstra uma vitalidade surpreendente. Recentemente, a empresa criadora do brinquedo, a japonesa Bandai Namco, informou que a franquia ultrapassou, no mês passado, a marca de 100 milhões de unidades vendidas globalmente. É um resultado que faz arregalar os olhos, principalmente em quem achava que o dispositivo nem existia mais.

O crescimento dos bichinhos virtuais foi impulsionado por uma estratégia que une nostalgia, geração millennial e adolescentes ávidos por inovações tecnológicas, resultando em versões que podem custar até R\$ 900 no mercado brasileiro. De acordo com a Bandai Namco, apenas nos últimos cinco meses, dois milhões de novas unidades foram

enviadas para todo o mundo, dando sequência a uma tendência de alta. Em 2023, as vendas já tinham dobrado em relação ao ano anterior.

A grande aposta deste ano foi o lançamento do Tamagotchi Paradise, uma linha que expande radicalmente o conceito original. Em vez de cuidar de um único pet, o usuário gerencia um ecossistema completo. É preciso construir e decorar o ambiente, organizar atividades e garantir a diversão dos mascotes. Maior do que as edições anteriores, o aparelho permite observar a vida dos personagens de múltiplos ângulos e influenciar sua evolução, que pode resultar em mais de 50 mil variações distintas.

Modelos recentes, como o Tamagotchi Uni, vêm equipados com conexão wi-fi. A funcionalidade permite que os dispositivos acessem o Tamaverso, ambiente online para interações globais, além de baixar atualizações e itens exclusivos. A conectividade também se dá por meio de infravermelho, per-



AS PHOTO FAMILY

mitindo que dois aparelhos se comuniquem para que os bichinhos interajam e até mesmo tenham filhos.

Essa evolução representa um salto quântico desde o lançamento do primeiro Tamagotchi, em 23 de novembro de 1996. A ideia original, concebida por Akihiro Yokoi, um empresário do setor de brinquedos, surgiu de uma premissa simples: criar um animal de estimação virtual que pudesse ser levado a qualquer lugar. O sucesso foi imediato, transformando-se em uma febre global. O retorno ocorreu em 2004, com o Tamagotchi Connection, que reintroduziu o brinquedo ao mercado com a comunicação por infravermelho.

Hoje, há uma vasta gama de modelos com preços que refletem essa diversidade. As versões mais básicas, que emulam o design clássico dos anos 1990 com tela em preto e branco, podem ser encontradas por valores entre R\$ 20 e R\$ 60.

No entanto, são as edições modernas que impressionam pelos preços. O Tamagotchi Pix, que inclui uma câmera, é vendido na faixa de R\$ 600 a R\$ 700. Já o Tamagotchi Paradise ultrapassa facilmente os R\$ 900 em plataformas de comércio eletrônico no Brasil. É um dinheiro alto para se investir em um mascote virtual que demanda cuidados constantes. A esse respeito, vale observar que, no Tamagotchi Paradise, o bichinho não morre como nos aparelhos clássicos. Se ele for negligenciado e suas barras de status chegarem a zero, o mascote vai embora e o usuário recebe a notificação. Daí, é necessário começar tudo de novo, desde o ovo. ■



Fabricante aposta no mix nostalgia e modernidade, oferecendo versões com wi-fi

GIANFRANCO GREINER



O premiê Lecornu, com a presidente da Assembleia Nacional, Yaël Braun-Pivet: tarefa hercúlea

BERTRAND GUAY/AFP

Alta rotatividade

O presidente francês Emmanuel Macron dá posse a seu quinto primeiro-ministro em menos de dois anos em meio a um cenário de instabilidade política e econômica

O sistema de governo francês, conhecido como semipresidencialismo, representa uma fascinante fusão de elementos dos regimes presidencialista e parlamentarista. Esta estrutura híbrida, consagrada na Constituição da Quinta República de 1958, estabelece um poder executivo dual, com um presidente da República eleito por sufrágio universal direto e um primeiro-ministro que depende da confiança do parlamento. Esta convivência gera uma dinâmica de poder única,

que pode variar drasticamente dependendo do alinhamento político entre o presidente e a maioria parlamentar. O governo do presidente Emmanuel Macron, em seu segundo mandato, está mostrando na prática como pode ser complicada e conturbada a convivência entre ambas as esferas.

Na segunda-feira, 8, o então primeiro-ministro François Bayrou acabou defenestrado do posto depois de um pedido de voto de confiança feito à Assembleia Nacional, que foi negado por

364 votos contra 194. O motivo da reprovação dos parlamentares – que uniu tanto esquerda quanto ultradireita – foi o esforço de Bayrou implementar um pacote de medidas impopulares contra o confortável modelo de bem-estar social francês. Na terça-feira, 9, o ministro da Defesa, Sébastien Lecornu, foi anunciado como substituto de Bayrou, pouco depois de ele ter formalizado sua renúncia a Macron.

Em seu pacote, Bayrou se propunha a cortar de 44 bilhões de euros no orça-



ISA HARSIN/SIPA

Protestos contra medidas propostas pelo governo: desequilíbrio nas contas públicas

mento de 2026, com congelamento de aposentadorias e salários de funcionários públicos, alteração nas normas do seguro-desemprego e no programa de subsídios a medicamentos, além da abolição de dois dos 11 feriados nacionais anuais dos franceses. As medidas provocaram forte resistência entre os franceses e levaram a protestos pelo país. Sem sustentação na Assembleia Nacional, não houve alternativa além da renúncia ao cargo.

Com a saída de Bayrou, o segundo mandato de Macron cravou o recorde de primeiros-ministros defenestrados. Em 20 meses, foram quatro demitidos. Com isso, os dois mandatos perfazem sete primeiros-ministros, número que se iguala ao do antigo campeão de rotatividade, o socialista François Mitterrand, governante do país entre 1981 e 1995.

Um dos raros casos de continuidade no governo Macron, Lecornu, tem 39 anos e é considerado um aliado leal e discreto do presidente francês. Membro do partido Renascimento, de orientação liberal, Lecornu comandou a pasta da Defesa por mais de três anos, marcados pela invasão russa da Ucrânia. Ele já havia despontado como candidato a

primeiro-ministro em dezembro do ano passado, mas Bayrou, de 74 anos e um antigo aliado do presidente, persuadiu Macron de que ele era a melhor pessoa para ocupar o cargo. Oito meses depois acabou derrubado por um Parlamento cada dia mais hostil a Macron e a suas políticas de governo.

Neto de um membro da Resistência, originário da região da Normandia, no noroeste do país, Lecornu entrou ainda muito jovem para a política nas fileiras do tradicional partido de direita Os Republicanos, de Jacques Chirac e Nicolas Sarkozy. Foi assessor parlamentar aos 19 anos, tornando-se depois o conselheiro ministerial mais jovem em 2008. Em 2015, tornou-se o mais jovem presidente de uma unidade administrativa da França, ou departamento – no caso, o Eure, na Normandia. A consagração veio quando se aliou a Macron na campanha eleitoral, em 2017.

Durante o ato de nomeação, Macron confiou a Lecornu “a tarefa de consultar as forças políticas representadas no Parlamento, com vistas à aprovação de um orçamento nacional e à construção dos acordos essenciais para as decisões que serão tomadas nos próximos me-

ses”, detalhou a Presidência francesa em comunicado oficial.

Lecornu terá um trabalho hercúleo. Se não quiser ter o mesmo destino de seus antecessores, terá de chegar a um acordo de não agressão na Assembleia Nacional, seja com os parlamentares de extrema-direita, chefiados por Marine Le Pen, bem como a ala que se identifica como progressista, o que inclui os socialistas. Lecornu precisa apresentar seu novo gabinete ministerial e colocar em votação até outubro o projeto de orçamento para 2026. Isso em um momento em que França assiste a protestos e manifestações contra os cortes propostos pelo governo.

O governo francês está sob forte pressão para reparar suas finanças já bastante combalidas. O déficit fiscal de 2024 foi quase o dobro do limite estabelecido pela União Europeia, de 3% de seu Produto Interno Bruto (PIB). A dívida pública francesa também escalou e atingiu 114% do PIB, ultrapassando 3,35 trilhões de euros. A turbulência que o país vive amplia o risco de novos rebaixamentos do crédito francês. Ou seja, um cenário bem pouco auspicioso para o novo primeiro-ministro. ■



*Caos no país
asiático:
revolta contra
bloqueio
digital*

Dias de fúria no Himalaia

Bloqueio de redes no Nepal deflagra revolta popular, principalmente entre jovens, que incendiaram prédios; em meio ao caos, o premiê renunciou – e ainda houve fuga de presos

O Nepal, país de 30 milhões de habitantes, viveu nesta semana um verdadeiro “dia de fúria”, seguido de outros, que criaram um quadro de caos tão extenso que até envolveu fuga em massa de presos. Exposta nas redes sociais, a revolta popular surgiu por causa delas. O estopim foi a decisão do governo de bloquear 26 plataformas digitais como Facebook, YouTube e Instagram. A alegação: elas se recusaram a cumprir uma lei que as obrigava a ter representação local. Para a população, porém, o bloqueio foi visto como tentativa de censura.

A proibição irritou sobretudo a geração Z, os nascidos entre 1997 e 2012. Milhares de estudantes tomaram as ruas da capital Katmandu na segunda-feira, 8. O lema inicial era: “Acabem com a corrupção, não com as redes sociais”. E, assim, transformaram a indignação em uma onda de mobilização nas ruas. Vídeos se espalharam rapidamente em redes que permaneceram ativas, como o TikTok, expondo a vida luxuosa de políticos e seus filhos, chamados de

“nepobabies”, termo importado do inglês para designar herdeiros de famosos. Essas imagens inflamaram ainda mais o sentimento de revolta contra uma elite acusada de ostentar privilégios enquanto a maior parte da população enfrenta desemprego e um PIB per capita de pouco mais de US\$ 1.400.

A repressão foi imediata. A polícia abriu fogo contra manifestantes, resultando em pelo menos 19 mortos no primeiro dia e centenas de feridos. Mesmo após a suspensão do bloqueio, a agitação se manteve. O motivo da ira popular rapidamente mudou e virou um grito contra a corrupção institucionalizada. A violência se espalhou para outras cidades, e cenas de destruição dominaram a capital: o Parlamento foi incendiado, assim como prédios do governo, um shopping e até a residência oficial do primeiro-ministro, KP Sharma Oli, de 73 anos. Outros ex-líderes também tiveram suas casas atacadas, e familiares foram agredidos.

A crise de autoridade levou ao colapso do sistema prisional. Aproveitando o ca-

os, cerca de 13.500 detentos escaparam de presídios. A situação forçou a mobilização do exército, que foi enviado às ruas para restaurar a ordem e iniciar uma caçada aos foragidos. Até a quinta-feira, 11, mais de 200 tinham sido recapturados. A intervenção militar, no entanto, também produziu mais violência: em uma penitenciária, soldados abriram fogo durante um confronto, matando dois presos e ferindo outros 12.

O desgaste do governo foi inevitável. Pressionado pelas mortes e pela destruição, Oli anunciou sua renúncia na terça-feira, 9, afirmando querer “dar novos passos em direção a uma solução política”. O presidente Ram Chandra Poudel aceitou a decisão e pediu diálogo para evitar uma escalada ainda maior da violência.

O longo “dia de fúria” revelou não apenas a força de uma geração conectada, mas também a profundidade da crise de representatividade em um país que aboliu a monarquia em 2008, mas que ainda não conseguiu estabilizar sua democracia. ■



Polônia acusa Rússia de invasão do espaço aéreo e aciona Conselho de Segurança de ONU

CHANCELLERY OF THE PRIME MINISTER OF POLAND/AP

Ameaça que vem dos céus

Incursoão de drones no espaço aéreo da Polônia eleva a tensão na Europa ao nível mais crítico desde 1945 e leva governo pedir reação da Otan

O espectro de novo conflito paira sobre a Europa com uma intensidade não vista em 80 anos. A afirmação foi feita pelo primeiro-ministro polonês, Donald Tusk, levando um alerta para o mundo após um ato de agressão que provocou reações dos integrantes da Otan, a aliança político-militar do Atlântico Norte. Na madrugada da quarta-feira, 10, os céus da Polônia foram violados por dezenas de drones supostamente de aliados russos. A resposta foi imediata, com as máqui-

nas derrubadas, mas a tensão permanece. A pergunta que o governo faz é que limites Vladimir Putin, presidente russo, teria ultrapassado. “Não tenho motivos para afirmar que estamos à beira da guerra, mas uma linha foi cruzada”, declarou Tusk.

Durante quase sete horas, foram registradas até 19 incursões de drones no espaço aéreo polonês. Pela primeira vez, desde o início da invasão da Ucrânia, os aparatos partiram de Belarus, país aliado de Putin, indicando um ousado

corredor de ataque. A Polônia enviou caças F-35 e F-16, além de helicópteros, para interceptar os alvos. A operação contou com o apoio de aviões militares da Holanda e Itália e baterias antiaéreas da Alemanha, em uma ação coordenada pelo comando aéreo da Otan. Destroços de 16 drones foram encontrados, e embora não tenha havido vítimas, os danos materiais em uma casa e um carro serviram como prova da violação.

Imediatamente, a Polônia invocou o Artigo 4º do tratado da Otan, que prevê consultas urgentes quando a segurança de um membro é ameaçada. A resposta dos aliados foi contundente. O ministro da Defesa da Alemanha, Boris Pistorius, foi categórico ao afirmar que a ação foi deliberada. “Não há absolutamente nenhum motivo para supor que se trate de um erro de rota. Para voar para a Ucrânia, não teriam de ter tomado esse caminho”, disse. O secretário-geral da Otan, Mark Rutte, classificou o comportamento da Rússia como “absolutamente imprudente”, garantindo que não se tratava de um “incidente isolado”. Líderes da França, da União Europeia e dos Estados Unidos condenaram a agressão.

O Kremlin optou pela negação e pelo silêncio. O porta-voz Dmitry Peskov criticou a Otan por fazer acusações “diariamente”, enquanto o Ministério da Defesa russo emitiu uma nota lacônica afirmando que “não havia planos de atacar nenhum alvo em território polonês”. A falta de uma explicação plausível, contudo, apenas reforçou a percepção de que a incursão foi um teste calculado para medir o tempo de reação e a coesão política e militar da Otan. Volodimir Zelenski, presidente da Ucrânia, classificou o ocorrido como um “novo nível de escalada”, afirmando que os drones foram lançados deliberadamente contra a Polônia.

Na quinta-feira, 11, o governo polonês restringiu o tráfego aéreo civil em sua fronteira leste com Belarus e Ucrânia até 9 de dezembro e solicitou uma reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU para “chamar a atenção do mundo para este ataque sem precedentes”. Membro permanente do grupo, a China pediu um “diálogo” entre as partes. ■

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Ativista de direita é assassinado a tiros

O influenciador Charlie Kirk, 31, aliado da direita norte-americana e do presidente Donald Trump, foi baleado e morto em um evento na Utah Valley University, na quarta-feira, 10. Fundador do movimento Turning Point USA, um dos maiores grupos de jovens conservadores do país, ele estava em uma tenda para um debate aberto quando foi atingido. Kirk era conhecido por falas provocativas em seu podcast e em palestras em ambientes universitários, frequentemente fazendo ataques a imigrantes e pessoas transgênero.

Venezuela

Semana tensa para o governo de Nicolás Maduro

A Venezuela vive uma semana de alta tensão em duas frentes. Uma operação anticorrupção do Ministério Público indiciou 14 promotores, expondo a instabilidade do sistema de justiça. Na quinta-feira, 11, o presidente Nicolás Maduro anunciou a implantação de defesas em 284 "frentes de batalha" pelo país, afirmando que está "pronto para uma luta armada". A mobilização é uma resposta a operações dos Estados Unidos no Caribe. Recentemente, um barco venezuelano foi atacado pelas forças norte-americanas, sob o argumento de que transportava narcotraficantes: 11 pessoas morreram.

Argentina

Milei é derrotado em eleição provincial de Buenos Aires

A eleição legislativa na província de Buenos Aires no domingo, 7, impôs uma dura derrota ao partido do presidente Javier Milei e enviou recados claros à política nacional. Com 47% dos votos, a oposição peronista superou com folga os 30% da base governista. O resultado, impulsionado por um escândalo de corrupção no entorno de Milei, é um termômetro negativo para as eleições do Congresso em outubro. Além de frear o presidente, a votação consolidou o governador Axel Kicillof como nova liderança do peronismo.

Japão

Primeiro-ministro renuncia após derrotas de seu partido, que indicará o sucessor

Shigeru Ishiba apresentou sua renúncia no domingo, 7, após menos de um ano como primeiro-ministro do Japão, em meio a fortes derrotas eleitorais de seu partido, o PLD (Partido Liberal Democrata). Embora tenha diminuído sua composição na Câmara Baixa (eleições de outubro de 2024), quanto na Câmara Alta em julho passado, ele continua sendo a principal força no Legislativo, com o apoio do Komeito, partido aliado. perdeu sua maioria tanto na Câmara Baixa (eleições de outubro de 2024), quanto na Câmara Alta em julho de 2025. Apesar de obter êxito diplomático recente — reduziu tarifas com os EUA — Ishiba não resistiu à pressão interna por consequência dos elevados custos de vida, inflação e descontentamento popular. Agora, o LDP vai realizar eleição interna emergencial para liderar o partido; Ishiba seguirá até que seja escolhido seu sucessor.

Catar

Governo exige responsabilização de Netanyahu após ataque israelense em Doha

Em Doha, capital do Catar, um ataque aéreo israelense, ocorrido na terça-feira, 9, visou líderes do Hamas reunidos para discutir uma proposta de cessar-fogo mediada pelos Estados Unidos. Seis pessoas morreram, incluindo o filho de um dos principais negociadores envolvidos, Khalil al-Hayya, e um agente de segurança catari. O primeiro-ministro do Catar, Mohammed bin Abdulrahman Al Thani, afirmou que o premiê israelense Benjamin Netanyahu "deve ser levado à Justiça" e que o ataque destruiu "toda esperança" de libertação dos reféns em Gaza. O episódio causou fortes críticas diplomáticas.

Vaticano

Primeiro santo millennial é celebrado em missa solene

Milhares de fiéis celebraram a canonização de Carlo Acutis, o primeiro santo da geração millennial. Conhecido como "influenciador de Deus", o jovem italiano morreu de leucemia aos 15 anos em 2006. Ele usou a internet para divulgar a fé. Em missa solene na Praça São Pedro, o papa Leão XIV oficializou a santidade de Acutis, cujo processo foi notavelmente rápido. A ele são atribuídos dois milagres: a cura de um menino brasileiro e de uma estudante. A cerimônia, a primeira do novo papa, reuniu cerca de 80.000 pessoas em pleno Jubileu da Igreja Católica.



Comparação entre
um iPhone 17 (esq.)
e um iPhone Air
(em mm)

7,95 5,64



Aparelhos não estão em escala

O triunfo da leveza

A Apple apresenta a nova geração do iPhone, com destaque para o modelo Air, mais leve e com apenas 5,64 milímetros de espessura

“Design sempre foi fundamental para definir quem somos e o que fazemos. Para nós, design não é apenas o que se vê e o que se sente. Design é como as coisas funcionam”. Com essa frase, evocando um célebre conceito do cofundador Steve Jobs, a Apple abriu seu tão aguardado evento de lançamento de produtos, após semanas de especulações em torno de novidades capazes de fazer frente aos concorrentes, que têm avançados investimentos em IA. O pronunciamento em questão foi feito pelo CEO Tim Cook e soou como resposta às expectativas do mercado, ansioso por inovações principalmente para o iPhone.

A materialização dessa filosofia é o novo iPhone Air, a estrela do evento. Com 5,64 milímetros de espessura, o modelo mais fino já lançado pela Apple cumpre a promessa de um design mais leve e elegante, abrindo mão do chip físico para operar com uma tecnologia de SIM virtual. O modelo chegará ao Brasil com preço de R\$ 10.499 (valor indicado no site da companhia), com pré-venda a partir de 16 de setembro. Ao seu lado, foram apresentados o

iPhone 17 (com duas câmeras), o 17 Pro e o 17 Pro Max (ambos com três câmeras e acabamento em alumínio), completando uma linha que, segundo o analista Paolo Pescatore, da consultoria PP Foresight, dos Estados Unidos, “impressiona, colocando a Apple em posição forte para atender diferentes segmentos”. Os preços desses modelos, no Brasil, saem a partir de R\$ 7.999, R\$ 11.499 e R\$ 12.499.

O Air enfrentará o Galaxy S25 Edge, da Samsung. “Ele trará uma sensação de novidade ao iPhone, que permaneceu igual por tempo demais”, avaliou Pescatore.

O grande salto está no software e no poder de processamento. Os novos iPhones são equipados com o processador A19, produzido com tecnologia de 3 nanômetros, e contam com bateria que dura mais: promete oito horas a mais de reprodução de vídeo que a geração anterior.

Outro destaque fica por conta das ferramentas de IA, como a tradução simultânea de ligações e videochamadas. A aposta se estendeu a todo o ecossistema. O sistema foi incorporado aos no-

vos AirPods Pro 3 (R\$ 2.699). Embora com design similar à geração anterior, eles têm cancelamento de ruído quatro vezes mais eficaz e têm monitoramento de batimento cardíaco.

Na linha de relógios, o Apple Watch Series 11 (R\$ 5.499) introduziu a aguardada funcionalidade de detecção de pressão alta – que ficará disponível conforme as regras de cada país. Já o Ultra 3 (R\$ 10.499) ganhou uma tela maior e detector de quedas. O modelo Watch SE é o de preço mais acessível (no Brasil ele não foi informado).

Alguns analistas se frustraram com a falta de um iPhone dobrável, que fica para o ano que vem e poderá ajudar a companhia a reconquistar os consumidores da China, onde vem perdendo participação de mercado. Já para o especialista em tecnologia Arthur Igreja, o saldo da apresentação foi positivo. “O lançamento da nova linha de AirPods com recursos de monitoramento de batimento cardíaco e tradução em tempo real surpreendeu. É a IA aparecendo com força, mostrando que essa terceira geração de AirPods está bastante inovadora”. ■

O risco de o Brasil ficar para trás na corrida da IA

Pesquisa analisa legislações de 50 nações e revela que estamos entre os mercados com mais restrições para desenvolvimento da tecnologia, que esbarra na lei de direitos autorais de 1998

Alessandro Martins

Muito antes de responder às nossas dúvidas do trabalho ou gerar imagens que viralizam nas redes sociais, as inteligências artificiais passam por um processo de treinamento complexo, que envolve a coleta, curadoria e análise de enormes volumes de dados. Um dos métodos mais usados nesse processo é o Text and Data Mining (TDM), ou mineração de textos e dados, que permite que máquinas filtrem e organizem informações para identificar padrões. É a partir daí que os modelos se tornam capazes de produzir textos, fotos, vídeos e sons. No Brasil, esse processo esbarra em uma barreira jurídica que ameaça o desenvolvimento da tecnologia no país: a Lei de Direitos Autorais de 1998.

Um levantamento do centro de pesquisa Reglab, que analisou legislações de 50 países, mostra que o Brasil integra o grupo com mais restrições no treinamento de IAs justamente por causa de sua lei autoral, elaborada para proteger artistas e escritores em um cenário digital que ainda engatinhava.

A análise aponta que países como Japão e Alemanha já autorizam o uso da TDM, inclusive para fins comerciais. A União Europeia, por sua vez, adotou uma diretiva que cria exceções tanto para pesquisa científica quanto para aplicações empresariais. Nos Estados Unidos, o conceito de fair use abre precedentes para usos considerados transformativos, ainda que a questão esteja longe de ser pacífica.

A coordenadora de pesquisa do Reglab, Marina Garrote, ressalta que a TDM não serve apenas para treinar intelligen-



Número de empresas com termos ligados à IA em suas marcas cresceu 857% em dois anos

cia artificial. Durante a pandemia de Covid-19, a técnica foi usada para filtrar milhares de artigos científicos e gerar insights mais rápidos sobre o vírus. Em tese, o mesmo recurso poderia acelerar descobertas médicas, impulsionar inovação em diversas áreas e dar maior competitividade a empresas brasileiras. Mesmo em países com normas mais flexíveis, há embates judiciais. Nos Estados Unidos, OpenAI e o jornal The New York Times travam há dois anos uma batalha legal, com acusações de violação de direitos autorais. O impasse acontece num momento em que o mercado de IA brasileiro mostra sinais de efervescência. Segundo a BigData-Corp, entre 2023 e 2025 o número de empresas que adotaram em seus nomes termos ligados à inteligência artificial cresceu 857%. Só São Paulo e o Dis-

trito Federal concentram quase metade dessas companhias, e na capital paulista a média de investimento chega a R\$ 800 mil por CNPJ. O país tem empreendedores dispostos a apostar na área, mas falta clareza legal para que o ecossistema se fortaleça.

O Senado aprovou em 2024 o marco regulatório da inteligência artificial, que busca equilibrar inovação, ética e proteção de direitos fundamentais. Na Câmara, a Comissão Especial sobre Inteligência Artificial discute o Projeto de Lei 2.338/23, cujo relator, deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), defende audiências públicas para ouvir especialistas e setores envolvidos antes de definir um caminho. O desafio é encontrar um ponto de equilíbrio que dê segurança a criadores e empresas sem engessar a tecnologia. ■

Uma combinação letal

Pesquisadores investigam o impacto do estresse no surgimento de tumores em pessoas com predisposição para a doença

A quantidade de pessoas estressadas no mundo tem atingido números alarmantes. De acordo com a quinta edição do Axa Mind Health Report, da Ipsos, a proporção de pessoas propensas a sofrer de estresse subiu para 64% em comparação com 62%, índice da pesquisa anterior. O número fica um pouco acima da estatística da Organização Mundial da Saúde (OMS), que aponta que uma a cada

cinco pessoas no planeta relata ter esse problema de forma crônica.

No caso do Brasil, outro trabalho da Ipsos, o World Mental Health Day, reporta que o país ocupa o quarto lugar entre as nações com níveis mais altos de estresse. No relatório mais recente, 62% dos 23.667 entrevistados relataram terem sofrido estresse tão forte a ponto de impactar seu dia a dia. Entre os brasileiros ouvidos, 24% relataram

que, no último ano, ficaram estressados a ponto de não conseguir ir ao trabalho. Além de efeitos diretos sobre o bem-estar e a saúde mental, a ciência já demonstrou que o estresse crônico está ligado a diversos males que impactam o sistema cardiovascular: hipertensão, infartos e acidente vascular cerebral (AVC). Também pode levar a problemas gastrointestinais, doenças dermatológicas e musculoesqueléticas, como fibromialgia. Mas e o câncer?

Embora não haja, por enquanto, evidências robustas de que o estresse, isoladamente, seja capaz de causar câncer, múltiplos trabalhos sugerem a influência do estresse crônico no desenvolvimento e na progressão da enfermidade. “É uma métrica muito difícil de aferir em estudos clínicos, por ser dinâmica e subjetiva”, explica o oncologista clínico Gustavo Schvartsman, associado da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica.

Por outro lado, pessoas muito estressadas convivem com fatores que elevam o risco para doenças. “Quem tem estresse costuma dormir mal, comer mal, ser sedentário, ter uma vida corrida, problemas familiares, financeiros ou de relacionamento”, lista o médico.

Embora a OMS e o Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos não reconheçam o estresse como uma causa direta do câncer, as entidades admitem que ele contribui com os comportamentos de risco, caso do uso de tabaco, álcool e drogas e da má alimentação. Esses fatores favorecem o desenvolvimento de tumores, sobretudo em quem tem tendência genética.

Gatilho em potencial

Uma das investigações mais recentes sobre o tema reforçou esse ponto, ao mostrar que o estresse pode contribuir para o desenvolvimento do câncer em pessoas com têm predisposição genéti-

O cortisol, o hormônio do estresse, é capaz de induzir danos ao DNA



KP YAMU JAVANATH/PIXABAY

ca. A pesquisa, publicada no início de julho, pelo British Journal of Cancer, avaliou um grupo específico de homens e mulheres, com mutações identificadas nos genes BRCA1 e BRCA2, que têm mais riscos de câncer de mama ou de próstata. Quando os cientistas analisaram a influência do estresse, medidos pelos níveis de cortisol, o hormônio do estresse, perceberam que a substância é capaz de induzir danos ao DNA, aumentando as chances do surgimento da doença.

Nesse trabalho, conduzido por equipes da Universidade de Brighton (Reino Unido), do The Institute of Cancer Research, em parceria com o The Royal Marsden NHS Foundation Trust (também do Reino Unido), e do Ifom (Institute of Molecular Oncology), da Itália, foram avaliados 132 portadores de mutações BRCA (62 mulheres e 70 homens). Em modelos celulares, o cortisol promoveu dano ao DNA e atrasou o reparo. No estudo feito com os grupos humanos, níveis mais altos do hormônio e um biomarcador de dano oxidativo se associaram a maior risco de câncer de mama e de próstata.

O cortisol, a adrenalina e a noradrenalina, hormônios liberados pelo estresse, afetam o sistema imunológico, salienta Schvartsman. “Pode haver inflamações crônicas e um microambiente tumoral pró-inflamatório, que faz o câncer progredir”, afirma. Isso significa que o estresse pode intensificar as características inflamatórias no contexto biológico que envolve um tumor, o que acaba favorecendo seu crescimento e sua resistência aos tratamentos. “Pode também aumentar a angiogênese, ou seja, a maneira como o tumor ‘aprende’ a fazer as suas rotas, produzindo novos vasos sanguíneos. Desta forma, ele pode encontrar caminhos para se tornar metastático”, explica.

A neuropsicóloga e psico-oncologista Kátia Antunes, integrante do comitê científico do Instituto Lado a Lado pela Vida, de São Paulo, afirma que há estudos laboratoriais indicando que o cortisol pode danificar a proteína p53, essencial na prevenção de tumores. “Is-

so enfraquece a capacidade das células de eliminar mutações”, esclarece.

Apesar dos avanços nos estudos, a especialista lembra que a relação direta entre estresse e câncer segue sendo um desafio (e um enigma) para a ciência. “Felizmente, nem todos que passam

“Quem já tem o câncer e mantém níveis de estresse muito elevados pode ter imunossupressão, pior resposta à imunoterapia, maior inflamação sistêmica e até redução na adesão ao tratamento”, alerta o oncologista clínico Gustavo Schvartsman

por momentos de estresse significativo vão desenvolver algum tipo de câncer, embora possam ter outras doenças”, completa.

Mão dupla: câncer causa estresse?

Se ainda não é possível afirmar que o estresse causa câncer, o caminho inverso é verdadeiro, em muitos casos: é frequente que o diagnóstico aumente o nível de estresse do paciente, o que pode interferir negativamente no tratamento e nos desfechos. Segundo Schvartsman, receber a notícia de que tem câncer pode levar a sensações ruins, transtorno de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, piora do sono e da alimentação, o que acarreta uma baixa na imunidade e um aumento da inflamação, piorando o cenário.

Já Kátia lembra que o diagnóstico atrapalha a qualidade de vida não apenas do paciente, mas também dos familiares. “É uma mudança muito brusca. Tanto o diagnóstico quanto o tratamento ocasionam estresse físico e emocional. As preocupações com o futuro também interferem no processo do tratamento”, destaca. O paciente se questiona se vai dar certo e, mesmo depois, fica angustiado, pensando na possibilidade de a

doença voltar. “O sofrimento emocional é significativo”, diz.

“Quem já tem o câncer e mantém níveis de estresse muito elevados pode ter imunossupressão (um sistema imunológico menos eficiente), pior resposta à imunoterapia, maior inflamação sistêmica e até redução na adesão ao tratamento”, descreve Schvartsman. A origem do problema está no fato de o paciente, muitas vezes, não ter tempo para pensar ou priorizar os cuidados consigo mesmo. Dependendo das condições, os tratamentos envolvem deslocamentos, dificuldades financeiras e interrupções das atividades de trabalho. A situação tende a piorar quando falta uma rede de apoio para remanejar os cuidados com os filhos ou outras pessoas, sobretudo no caso das mulheres, que continuam sendo as maiores responsáveis pelas tarefas que

envolvem cuidados familiares. Assim, ocorrem atrasos nas consultas, nas sessões de quimioterapia, radioterapia e imunoterapia. “Às vezes, o paciente chega até a abandonar o tratamento e não adere aos medicamentos”, conta o médico.

Mais uma razão para que uma pessoa com câncer receba acolhimento, apoio e tratamento com uma equipe multidisciplinar, incluindo atenção à saúde mental. “O manejo do estresse precisa começar com um psicólogo, de preferência um especialista na área oncológica, mas todos os profissionais envolvidos também precisam de um treinamento adequado nesse sentido”, aponta Kátia.

Para ela, além de diminuir o peso do estresse, uma equipe acolhedora pode estimular melhorias no comportamento, como se alimentar melhor, praticar atividades físicas e meditar, entre outras ferramentas.

“Embora saibamos que o estresse age de forma negativa tanto para o desenvolvimento do câncer, como no processo de tratamento, felizmente muitos pacientes conseguem rever a vida e adotar mudanças benéficas, facilitando respostas mais favoráveis em relação à vivência do câncer”, completa. ■



O iceberg A23a pesava quase um trilhão de toneladas; agora, derrete em ritmo acelerado

REPRODUÇÃO

Um gigante se dissolve

Cientistas monitoram a trajetória de um iceberg de 39 anos e 1,7 mil quilômetro de comprimento que derrete sob efeito da crise climática no extremo sul do Oceano Atlântico

Um dos maiores icebergs já registrados no planeta está derretendo na costa da Antártida, 39 anos depois de ter se desprendido do continente. Batizado de A23a, o bloco chegou a pesar cerca de um bilhão de toneladas e cobrir 4.000 km², área 50% maior que a superfície de Luxemburgo. Hoje, resta pouco menos da metade do tamanho original do titã de gelo: 1.770 km², com largura de 60 km. Essa dimensão representa quase 2,5 vezes o tamanho de Singapura.

A trajetória do iceberg impressiona os cientistas. Após se desprender em 1986, encalhou no Mar de Weddell, onde ficou preso por mais de três décadas. Em 2020, voltou a se mover. Em março deste ano, encalhou próximo à Geórgia do Sul, levantando temores sobre impactos na fauna local, como focas e pinguins. Mas logo se desprendeu novamente e, desde então, perdeu massa rapidamente em águas mais quentes. Ele se desintegra cumprindo um processo natural, mas em um ritmo acelerado. O efeito das mudanças climáticas não é direto, mas influencia a “invasão” das águas quentes na região. O oceanógrafo Andrew Meijers, do British Antarctic Survey, que faz o

monitoramento do A23a, detalhou o processo para IstoÉ: “O iceberg tem derretido desde que se separou da plataforma de gelo, em 1986. No entanto, passou a maior parte desse tempo em águas próximas ao ponto de congelamento. À medida que avançou para o norte, especialmente após deixar o Mar de Weddell, encontrou águas vários graus acima desse. Isso derreteu progressivamente sua base”.

A resistência do A23a se deve a seu tamanho colossal. “Ele pesava quase um trilhão de toneladas e tinha uma quilha com centenas de metros de profundidade. Havia muito gelo a ser derretido. Após encalhar na Geórgia do Sul, em março, o estresse do encalhe somado à ação contínua de ventos e ondas enfraqueceu o gelo abaixo da superfície. Grandes fraturas começaram a surgir, seguidas pelo desprendimento de blocos cada vez maiores. Isso aumentou a área exposta à água quente e acelerou o derretimento. Mega icebergs parecem derreter lentamente ao longo de anos e, de repente, tudo de uma vez em poucas semanas, quando as fraturas tomam conta.”

Embora o destino final de qualquer iceberg seja o derretimento, a preocu-

pação dos cientistas vai além. “O aquecimento das águas não é o que está diretamente derretendo este iceberg em particular, mas sabemos que o oceano Austral ao redor da Antártida está mudando rapidamente, e mais ainda nos últimos anos. Desde o início dos anos 2000, as plataformas perderam cerca de 12 trilhões de toneladas de gelo não repostas. Isso é impulsionado por quantidades crescentes de água quente que invadem a porção continental normalmente congelada ao redor da Antártida, e isso, por sua vez, está ligado às mudanças climáticas induzidas pelo homem”, explicou.

Meijers alertou para problemas futuros: “O derretimento das plataformas de gelo da Antártida altera a circulação oceânica e contribui para a elevação dos mares. Pelo menos dois metros estão ‘garantidos’, embora a redução das emissões possa nos dar mais tempo para adaptação. Em cenários plausíveis, podemos chegar a até 15 metros de elevação do nível do mar nos próximos séculos. Mais pesquisa e uma melhor modelagem são desesperadamente necessárias para entender esta parte importante do sistema climático e refinar esses impactos”. ■

A vez do futurismo indígena

O designer Sioduhi, da região do Alto Rio Negro, no Amazonas, entra em lista global de 100 inovadores da indústria da moda e do luxo

A revista Vogue Business lançou nesta semana sua lista com os 100 inovadores do ano, que aponta profissionais da moda e do mercado de luxo com potencial de transformar a indústria globalmente. Na edição 2025, na categoria “líderes que pensam em sustentabilidade”, um dos 26 nomes eleitos é o do designer indígena Sioduhi, natural da Terra Indígena Alto do Rio Negro, no Amazonas. Fundador da marca Sioduhi Studio, da qual é diretor criativo, Sioduhi, como é conhecido no mercado da moda e nas redes sociais, é pesquisador de Futurismo Indígena, movimento que se baseia no conhecimento dos povos originários para reimaginar o futuro. É também desenvolvedor da tecnologia ManioColor, pigmento feito de resíduo da casca de mandioca.

O feito foi celebrado por Sioduhi, que é representante do povo Wai-kahna, também chamado Piratapuya: “Estar na lista é parte da realização da minha trajetória como designer, diretor criativo e pesquisador na Amazônia e na Terra Indígena Alto Rio Negro”. Para ele, o olhar estrangeiro ganha intensidade ao perceber que a floresta amazônica é “o lugar das soluções ancestrais para as questões climáticas e humanas da contemporaneidade”.

Formado em administração pela Uninorte, em Manaus, Sioduhi encontrou seu caminho na moda. Em São Paulo, fez MBA em Negócios e Estética da Moda na ECA/USP. Foi eleito Personalidade Fashion Futures, premiação do Instituto C&A, em 2023. No mesmo ano, foi vencedor do Concurso Ecoar da Arezzo&Co, na categoria Processos. Em 2024, participou da 55ª edição da Casa de Criadores, em São Paulo, com sua quinta coleção, “Kahtiridá,



Sioduhi é pesquisador do Futurismo Indígena, movimento que recorre a saberes dos povos originários para reimaginar o futuro

Fio da Vida”, entre outros desfiles, semanas de moda e eventos.

A projeção internacional começou com a coleção “Amõ Numiã: Ontem, Hoje e Amanhã”, lançada em dezembro de 2023 na Brasil Eco Fashion Week, em São Paulo. No ano seguinte, em abril, esteve com a coleção em Lisboa, com desfile no evento “Sentir Amazônia”. Meses depois, em setembro, participou do projeto da “Casa Amazônia” no Climate Week, em Nova York.

Neste ano, a Vogue Business mencionou o trabalho de Sioduhi em uma reportagem que abordou o que designers da Amazônia podem ensinar para as marcas globais do universo fashion.

No caso do estilista do Alto Rio Negro, foi destacada sua dedicação em transmitir conhecimento de negócios a artesãos, ensinando sobre cadeia de produção, precificação e gestão de marca para que eles entendam o valor real de suas criações.

Na lista dos inovadores, a revista ressaltou que Sioduhi está desafiando a história da moda por sua visão baseada no Futurismo Indígena e por defender mudanças nas cadeias de fornecimento da indústria, que contribuíram para o desmatamento e para a exploração de comunidades indígenas.

O Sioduhi Studio trabalha com artesãos da região para criar acessórios e roupas a partir de fibras de plantas nativas. A marca também adota o ManioColor. Além disso, o designer cofundou a Abya Yala Criativa, uma plataforma que busca capacitar comunidades locais por meio da moda. “Como indígena, carrego um pensamento comigo: todo movimento é coletivo. Na indústria da moda não é diferente”, explica o estilista, que fala três línguas, além da materna, o tukano: português, espanhol e inglês. ■

A decisão mais difícil

Bruce Willis vive hoje separado da família, em outra casa. Criticada, a esposa Emma Heming alega que a mudança garante maiores cuidados ao ator, diagnosticado com demência frontotemporal

A polêmica começou nas redes: por que Emma Heming Willis, esposa de Bruce Willis, decidiu transferir o marido para outra casa, justamente quando ele mais precisa de companhia? A notícia de que o ator, diagnosticado em 2022 com demência frontotemporal, mudou para outro imóvel da família, enquanto Emma e as duas filhas menores permaneceram na residência principal, gerou perplexidade e críticas. Para muitos, a ideia soou como abandono. Em sucessivas entrevistas, Emma explicou que essa foi a decisão mais difícil de sua vida e que teve o objetivo de oferecer um melhor atendimento para o marido. Mas não só. Aos 70 anos, Willis mora em uma casa térrea adaptada, acompanhado por uma equipe de cuidadores em tempo integral, que fica ao lado da residência onde vive a família. Emma, de 47, contou à revista *People* que a mudança tinha dois objetivos: oferecer ao marido um ambiente mais calmo e sereno, adequado às demandas da doença, e permitir que as filhas Mabel, de 13 anos, e Evelyn, de 11, tivessem uma infância mais normal. “Agora elas podem brincar e voltar para casa sem precisar andar na ponta dos pés”, disse. Os desafios que a família enfrenta foram detalhados por Emma no livro *The Unexpected Journey*, que lançou neste mês e no qual relata a rotina de quem teve de se tornar cuidadora de repente. Nesta semana, no programa “Good Morning America”, do canal ABC, ela afirmou que essa foi a coisa mais difícil que precisou fazer. “Mas é a decisão mais segura e correta, não só para o Bruce, mas também para nossas duas meninas. E isso não está em debate”, decretou.

A ex-modelo trouxe à tona um ponto complexo: a saúde dos próprios cuidadores, que frequentemente deixam suas vidas de lado. Em entrevistas, Emma alega que muitos morrem antes dos pacientes, vítimas do estresse e da exaustão. Nos Estados Unidos, há entre 50 mil e 60 mil pessoas diagnosticadas com demência frontotemporal, e são milhões os familiares e profissionais envolvidos nos cuidados. “Não sou um fracasso por precisar de ajuda”, afirmou. Emma contou que, embora em casas diferentes, todos se encontram diariamente. Bruce participa de atividades como aulas de artesanato. A família também precisou reinventar formas de comunicação, já que a doença comprometeu a fala do ator. “Meu marido ainda está muito presente. O que falha

Emma está com as filhas na casa principal; Bruce está em um imóvel adaptado próximo ao da família

é o cérebro, não o corpo. Ele continua ativo, em ótima forma”, contou.

A atriz Demi Moore – que foi casada por 13 anos com Willis, pai de suas filhas Rumer, 37 anos, Scout, 34, e Tallulah, 31 – manifestou apoio a Emma. Em entrevista ao podcast de Oprah Winfrey, Demi afirmou que é difícil ver alguém tão vibrante e forte mudar como vem acontecendo com o ex-marido. “Mas o mais importante é encontrar a pessoa onde ela está, sem esperar que seja quem era. Ainda há muito dele ali, mesmo que de outra maneira”.

Demi elogiou a esposa de Willis, que estava presente no programa. “Muita coisa caiu sobre Emma para conseguir organizar tudo. O mais bonito é reconhecer que cuidadores precisam cuidar de si mesmos. Tenho muita compaixão por ela, que é jovem e teve coragem de enfrentar isso. Faz um trabalho magistral lidando com a saúde de Bruce”, declarou. ■

REPRODUÇÃO/FACEBOOK



A disputa a ser travada em três países terá preços variáveis para as entradas



A Copa dos preços dinâmicos

Fifa abriu venda de ingressos para o Mundial de 2026; valores começam em US\$ 60 e podem alcançar US\$ 6.730

Foi dada a largada para a maior Copa do Mundo da história e também para uma experiência inédita de compra de ingressos – ao menos para a competição de seleções. A Fifa iniciou na semana passada a primeira fase de vendas para o mundial de 2026, que será sediado em três países: Estados Unidos, México e Canadá, reunindo pela primeira vez 48 equipes. O que chama atenção é a forma como os bilhetes serão comercializados: com preços dinâmicos, inspirados no sistema usado no Mundial de Clubes organizado pela federação neste ano.

Na prática, os valores de cada assento variam conforme a demanda. Na fase de grupos, o ingresso mais barato custa US\$ 60 (cerca de R\$ 320), enquanto os lugares mais disputados da final, marcada para 19 de julho de 2026, podem alcançar US\$ 6.730 (em torno de R\$ 36,5 mil). A lógica é simples: quanto maior a procura, mais caro o ingresso, aproximando o modelo daquilo que já ocorre em companhias aéreas ou plataformas de shows internacionais.

A Fifa disponibilizou diferentes modalidades de compra. Além dos ingressos

avulsos para as 104 partidas, os torcedores podem adquirir pacotes por seleção ou por estádio. Haverá ainda a possibilidade de reservar assentos para fases eliminatórias, caso a equipe escolhida avance. Outra inovação é a oferta de ingressos especiais que agrupam torcedores da mesma seleção, uma forma de valorizar a experiência coletiva nas arquibancadas.

A primeira etapa de vendas, chamada “Sorteio da Pré-Venda Visa”, está aberta até 19 de setembro. Clientes do cartão devem criar um Fifa ID no site da entidade e se inscrever para participar. Os sorteados serão notificados a partir do dia 29 de setembro e terão uma janela de tempo para efetivar a compra a partir de 1º de outubro. O número de entradas é limitado: cada torcedor poderá adquirir até quatro por partida, não ultrapassando 40 ingressos no total do torneio.

Para quem não conseguir nesta rodada, novas chances estão previstas. A segunda fase, batizada de “Sorteio Antecipado”, acontecerá entre 27 e 31 de outubro, com vendas em novembro. A terceira será lançada após o sorteio dos

grupos, marcado para 5 de dezembro, em Washington. Conforme a competição se aproximar, haverá também a modalidade de compra direta por ordem de chegada, sem sorteio.

A estratégia, segundo a entidade, tem duas funções: controlar a demanda e evitar a concentração de grandes lotes de ingressos em mãos de atravessadores, ao mesmo tempo em que aumenta a receita em partidas de maior apelo. Para garantir segurança, a Fifa também anunciou que lançará uma plataforma oficial de revenda ainda em 2025, recomendando que torcedores evitem sites paralelos.

Se, por um lado, os preços dinâmicos refletem uma tentativa de modernização, por outro levantam questionamentos. O temor de torcedores é que jogos de alto interesse fiquem inacessíveis à maioria. Para a Fifa, porém, o modelo traz flexibilidade e permite que quem planeja com antecedência consiga pagar menos. “A dez meses do pontapé inicial, estamos muito felizes em lançar a primeira fase de vendas”, afirmou Heimo Schirgi, diretor de operações da Copa de 2026. ■

O show da NFL em São Paulo

Segundo jogo da liga de futebol americano realizado no Brasil teve recepção calorosa dos torcedores, Ana Castela, Karol G e agitos na cidade, mas os preços assustaram

Com hino cantado por Ana Castela, a Boiadeira, e show da colombiana Karol G, no intervalo, o segundo jogo da National Football League, a NFL, realizado no Brasil deixou uma marca de sucesso para torcedores e marcas. A Neo Química Arena, casa do Corinthians, foi o palco escolhido para o embate deste ano, entre Los Angeles Chargers e Kansas City Chiefs, com vitória do primeiro por 27 a 21. A partida atraiu 47.627 pessoas, superando o público do jogo inaugural e confirmando o crescente interesse dos brasileiros pelo esporte no país, estimado pela própria liga em 36 milhões de fãs. Diferentemente da estreia em 2024, quando a qualidade do gramado gerou críticas por parte dos atletas, a edição deste ano foi marcada por uma execução e estruturas aprimoradas. E o público também conquistou os jogadores e as comissões técnicas de cada time. Após um investimento de R\$ 2,7 milhões na renovação do campo, a NFL

colheu elogios de figuras centrais do espetáculo. “O Brasil agora tem um lugar especial no meu coração”, declarou Jim Harbaugh, técnico dos Chargers.

Se por um lado a experiência dentro do estádio foi positiva, o acesso a ela continuou restrito. Os preços, considerados salgados na primeira edição, seguiram como ponto de crítica. Além do aumento no valor médio dos ingressos, produtos oficiais nas lojas montadas no evento atingiam valores proibitivos, com camisas de jogo sendo comercializadas por até R\$ 1,2 mil. A alimentação também pesou no bolso do torcedor, com um hambúrguer ou uma fatia de pizza custando em média R\$ 50.

As marcas também embarcaram no bonde da NFL e criaram ativações diversas para deleite dos torcedores. Na Neo Química Arena, foi montado um mosaico, exibido antes do jogo, que cobriu parte dos torcedores no setor leste do estádio e que formou a frase “O país do football”.

A ação foi desenvolvida pela Effect Sport, agência da NFL no Brasil.

Houve quem visse a cidade de São Paulo em “clima de Super Bowl”, a grande decisão da liga, que tem seus intervalos comerciais na TV disputados a preços milionários por anunciantes. Por aqui, as ativações tiveram direito a mural artístico – assinado por Kobra –, kits promocionais e espaços exclusivos envolvendo as equipes. A ‘Chiefs House’, por exemplo, contou com a cantora Luísa Sonza. A própria liga realizou eventos para entreter o público antes do seu segundo jogo no país.

O embate teve direito até a especulações a respeito da visita de uma estrela de primeira grandeza do mundo da música. Travis Kelce, noivo de Taylor Swift e atleta do Chiefs, veio com o time e iria entrar em campo. Como isso já era sabido, surgiram rumores de que a cantora viria a São Paulo. Até horas antes da partida ainda havia boatos sobre a chegada da artista. Mas, como se viu depois, ela não desembarcou por aqui. De todo modo, a simples ideia de que ela poderia estar no estádio serviu para dar mais visibilidade ao evento. Por sinal, entre as pessoas que acompanharam o jogo estiveram personalidades como Neymar, os integrantes da banda Green Day e Gabriel Medina. ■

Um mosaico foi montado na Neo Química Arena antes da partida

EFFECT SPORT/
TIAGO LOPES



A arquitetura elétrica do GLC EQ promete recargas mais rápidas

MERCEDES-BENZ AG DIVULGAÇÃO

Nova fase para elétricos alemães

Mercedes-Benz muda forma de nomear seus modelos e aprimora uso de inteligência artificial nos carros

A Mercedes-Benz deu o tom de sua nova fase no segmento dos elétricos no Salão de Munique, realizado nesta semana, com o GLC EQ, que estreia a estratégia de simplificar a nomenclatura de seus veículos movidos a bateria. Após anos de críticas aos nomes confusos – como EQS, EQE, EQB e EQA –, a montadora alemã decidiu que os modelos passarão a ter a mesma designação dos equivalentes a combustão, acrescida apenas da sigla EQ. Assim, o GLC, um dos SUVs mais vendidos da casa, se transforma no GLC EQ. O SUV elétrico, que deve circular pelas ruas no primeiro semestre de 2026, chega com 4,85 metros de comprimento e 2,97 metros de entre-eixos. O GLC EQ é mais espaçoso que a geração atual, lançada em 2022. O porta-malas de 570 litros é complementado por outros 128 litros sob o capô, enquanto os passageiros ganham centímetros extras para pernas e cabeça. Para quem gosta de chamar atenção, o modelo tem, como opcional, uma ostentosa grade iluminada, equipada com 140 LEDs.

No interior, a aposta está na experiência digital aprimorada. Uma tela de 39 polegadas se estende por todo o painel, reunindo instrumentação e multimídia. É o maior display já instalado em um Mercedes, operado com base em inteligência artificial. Para quem não quiser essa tela imensa, o GLC EQ oferece outro design, com duas menores. O carro usa um sistema de comunicação multiagente, em que diferentes “personas digitais” interagem com motorista

e ocupantes para oferecer informações e ajustes personalizados. Explica-se: o novo GLC traz a quarta geração do sistema MBUX, o primeiro a integrar IA da Microsoft e do Google. A conversa com o assistente torna-se natural, como falar com um amigo, diz a montadora. O passageiro da parte dianteira tem à disposição mais de 40 aplicativos, incluindo streaming de vídeo como o Disney+. A tecnologia embarcada não para por aí. O GLC EQ conta com 12 sensores ultrassônicos para os assistentes de condução. E também dez câmeras externas, cinco radares e suspensão pneumática herdada do Classe S e eixo traseiro esterçante em 4,5°.

Avanços foram feitos na tecnologia de recarga. Graças à arquitetura elétrica de 800 Volts, o GLC EQ promete recargas mais rápidas e eficientes, com menor perda de energia. A Mercedes anuncia que as baterias de 94 kWh de capacidade podem garantir mais de 300 km de autonomia em apenas dez minutos, nas melhores condições.

As inovações potencializam o carro, que será capaz de atuar como gerador para pequenos aparelhos elétricos, residências e até para a rede elétrica da rua, transformando-o em uma verdadeira central de energia sobre rodas.

Outros “detalhes” para agradar o comprador: o teto panorâmico do GLC EQ pode simular um céu estrelado. E o modelo vem com um “Pacote Interno Vegano”, que é opcional e significa revestimentos com certificação da The Vegan Society.

Com todos esses recursos e diferenciais de seu novo modelo elétrico, a estrela de três pontas sinaliza que se reorientou na disputa desse mercado. ■

O painel do novo SUV tem uma tela que se estende de ponta a ponta



MERCEDES-BENZ AG DIVULGAÇÃO

O paradoxo do azeite brasileiro

Apesar da excelência reconhecida no exterior, as marcas premium locais ainda não atingem 1% do consumo nacional



Bob Costa e Bia Pereira, da Azeite Sabiá: clima e logística pós-colheita são desafios

DIVULGAÇÃO

Com 11 rótulos entre os 500 melhores do mundo, segundo a edição 2025 do guia italiano Flos Olei, a mais influente publicação do setor, o azeite brasileiro conquistou prestígio internacional entre as marcas premium globais. Apesar disso, ainda não consegue cativar o público dentro de sua casa. No país, essa produção não atinge 1% do consumo nacional.

O reconhecimento internacional, contudo, contrasta com os desafios de produzir azeite em um país de clima predominantemente tropical, o que limita a expansão e torna a atividade um exercício de precisão e alto investimento. Dados da Associação Brasileira de Produtores de Azeite de Oliva (Ibraoliva), apontam que a maior safra registrada no país ocorreu em 2023, com 640 mil litros. O consumo anual, por sua vez,

se aproxima de 100 milhões de litros. O Brasil, que colocou no mercado seu primeiro azeite nacional em 2008, tem duas regiões produtoras viáveis: Rio Grande do Sul e a Serra da Mantiqueira (entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) por conta do clima frio e da alta altitude. A expectativa da Ibraoliva era de que, em 2026, o país chegasse a uma produção de 1 milhão de litros. Porém, os resultados das duas últimas safras, nos dois polos, frustraram os planos: os números estão bem abaixo das expectativas.

“Para produzir azeitonas de qualidade, a oliveira precisa passar por um período de estresse térmico. Isso é fundamental para que a árvore adormeça, sinta-se ameaçada e reaja, produzindo a flor que se transformará em fruto. Boas produções acontecem quando a

oliveira passa cerca de 300 horas abaixo de 12° C”, explica o empresário Bob Vieira da Costa, fundador do Azeite Sabiá, eleito melhor azeite monovarietal do mundo – feito com um tipo de azeitona, no caso, a variedade chamada Koroneiki – na categoria médio frutado, segundo o guia Flos Olei.

Outra questão crítica é a logística pós-colheita. A azeitona é um fruto extremamente sensível, que inicia um processo de oxidação assim que é retirado da árvore. Para preservar a qualidade e garantir um produto extravirgem, a velocidade é essencial. “Um desafio é ter grande agilidade entre a colheita e a extração. Atualmente, o tempo desde a árvore até o azeite pronto, é de uma hora e meia a duas horas”, conta Costa. Ele investiu em um caminhão refrigerado para transportar os frutos imediatamente após a colheita manual.

A Sabiá foi fundada em 2014 pelo casal Bia Pereira e Bob Costa, que foi ex-ministro da Secretaria de Comunicação Social do governo Fernando Henrique Cardoso. No começo, o azeite era produzido na cidade de Santo Antônio do Pinhal (SP), na Serra da Mantiqueira. Trabalhando com margens muito pequenas à época, ele foi aconselhado por um agrônomo a expandir a produção para o Rio Grande do Sul. Desse modo, poderia contornar o problema do clima, já que chove muito na região no momento do desenvolvimento da flor e da polinização.

Em 2018, o empresário adquiriu uma propriedade na cidade gaúcha de Encruzilhada do Sul, onde tem 110 hectares de área plantada, contra 17 da Mantiqueira. “Adquirimos a fazenda para ter mais escala de produção e sofrer menos com o clima”, justifica. A estratégia ajudou a consolidar a marca como uma operação comercialmente robusta e foi validada com o prêmio no Flos Olei, cujo azeite vencedor veio das duas regiões. Para a próxima safra, a Sabiá planeja ampliar ainda mais o investimento em terreno gaúcho, assumindo um pomar vizinho de 70 hectares para garantir uma produção de 30 mil litros. ■



A 36ª Bienal tem como título “Nem todo viandante anda estradas - Da humanidade como prática”

LEVI FANAN

A arte de repensar a humanidade

Com 125 artistas e título inspirado em poema da escritora Conceição Evaristo, 36ª Bienal de São Paulo estimula a reconexão com a natureza e questiona os rumos da civilização

Em um mundo marcado por guerras, crises migratórias e a iminência do colapso ambiental, a arte pode oferecer uma bússola. É com essa premissa que a 36ª Bienal de São Paulo se apresenta não apenas como a maior mostra de arte contemporânea do hemisfério sul, mas como um espaço de reflexão urgente. Sob o título “Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática”, inspirado em verso do poema “Da calma e do silêncio” da escritora mineira Conceição Evaristo, o evento que ocupa o Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque

Ibirapuera, em São Paulo, convida o público a questionar os rumos da civilização, repensar o ser humano hoje e a buscar, por meio de diferentes expressões artísticas, outros imaginários políticos e existenciais.

A visão por trás dessa empreitada é de uma equipe curatorial diversa, liderada pelo camaronês Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, e composta por Alya Sebti (Marrocos), Anna Roberta Goetz (Suíça), Henriette Gallus (Alemanha), Keyna Eleison e Thiago de Paula Souza, ambos do Brasil. O grupo parte do poema de Conceição Evaristo para re-

fletir sobre a “estrada” em que a humanidade viaja. “Essa viagem ameaça uns aos outros com armas nucleares. Há também a viagem da fome, embora tenhamos tantos grãos”, critica Ndikung. Para ele, a arte oferece as ferramentas para resistir a um projeto de desumanização em curso. “Ser humano não é ser passivo. É uma prática ativa”, defende, ressaltando que a empatia e a superação da indiferença à dor do outro são temas centrais desta edição.

Com a expectativa de atrair um público de 800 mil visitantes, a mostra deste ano é mais longa do que a anterior –



O percurso pelo Pavilhão Ciccillo Matarazzo está dividido em seis capítulos

LEVI FANAN

que foi vista por quase 700 mil pessoas no pavilhão do Ibirapuera. Essa estimativa se justifica: são quatro semanas a mais, como pontua Andrea Pinheiro, presidente da Fundação Bienal de São Paulo. Aberta neste mês, a mostra se estende até 11 de janeiro de 2026, com a missão de atrair mais jovens e ampliar o acesso ao debate proposto, especialmente nas férias escolares.

Para repensar a humanidade como “prática viva, em um mundo que exige reimaginar as relações”, a Bienal adotou uma metáfora: um estuário, local onde diferentes correntes de água se encontram e criam um espaço de coexistência. É essa simbologia que guia o projeto desta edição, inspirado nas filosofias, paisagens e mitologias brasileiras. A reconexão com a natureza também faz parte dessa proposta. Assim, os curadores sugerem que a humanidade se una e se transforme por meio da escuta atenta e da negociação entre seres e mundos distintos.

Entre os artistas convidados para esta edição, 120 ocupam o Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Outros cinco integram o programa Afluentes, realizado na Casa do Povo, no Bom Retiro, sob curadoria de Benjamin Seroussi e Daniel Blanga Gubbay. Vindas de diversas partes do planeta, as obras desta edição se materializam em múltiplas linguagens, da pintura e escultura à performance e instalações sonoras, muitas delas baseadas em práticas comunitárias e cosmologias não ocidentais.

O estuário conceitual da Bienal foi dividido em seis capítulos que guiam a jornada do visitante no Ibirapuera. O percurso se inicia no andar térreo com

“Frequências de chegadas e pertencimentos”, onde o público é recebido por um imenso jardim vivo da artista Precious Okoyomon. Com topografia irregular, pequenas quedas d’água e plantas medicinais e comestíveis, a instalação é um convite à desaceleração e à reconexão com os ritmos da natureza. O segundo capítulo, “Gramáticas de insurgências”, reúne trabalhos sobre diferentes formas de resistência, enquanto o terceiro, “Sobre ritmos espaciais e narrações”, aborda as marcas deixadas por migrações e pela escravização. Aqui, destaca-se a obra do artista Moffat Takadiwa, uma nova “Arca de Noé” revestida de resíduos plásticos e metálicos, que se transforma em uma

espécie de portal para refletir sobre capitalismo, racismo e o colapso ambiental. A inspiração para este núcleo, segundo os curadores, vem do movimento mangubeat do Recife.

Os capítulos seguintes, “Fluxos de cuidado e cosmologias plurais”, “Cadências de transformação” e “A intratável beleza do mundo”, exploram temas como a quebra de modelos coloniais, a mudança como condição permanente e a beleza como um ato de resistência.

Outro destaque deste ano é o projeto “Aparições”, iniciativa feita em parceria com a plataforma WAVA. Utilizando realidade aumentada, fragmentos, extensões e ecos das obras da Bienal estão espalhadas no parque Ibirapuera e em locais específicos ao redor do mundo, escolhidos pelos próprios participantes desta edição, como as margens do rio Congo, a fronteira entre México e Estados Unidos, parques urbanos de São Paulo ou cidades na África e na Ásia. Pelo aplicativo, os visitantes podem acessar os trabalhos somente nos lugares determinados, criando uma experiência sensorial acessível globalmente. A 36ª Bienal é inteiramente gratuita. Para visitar, não é preciso ingresso, apenas se dirigir ao pavilhão. Para conferir os artistas e coletivos participantes e outros destaques da programação, basta acessar o site 36.bienal.org.br. ■



Instalação de Adama Delphine Fawundu, no espaço da mostra no Ibirapuera, onde há obras de 120 artistas; outros cinco expõem na Casa do Povo

LEVI FANAN

O fenômeno das “dizis”

Cada vez mais populares, as novelas turcas ganham espaço no Globoplay. “Dolunay” é uma das novidades na programação

André Ruoco e Sofia Magalhães

Após o sucesso estrondoso no Brasil dos k-dramas, os dramas sul-coreanos, chegou a vez de as novelas turcas ganharem cada vez mais espaço entre os conteúdos preferidos pelo espectador nas plataformas de streaming, como Netflix e PrimeVideo. Com enredos longos, essas produções, também conhecidas como “dizis”, também estão se saindo bem no Globoplay, que amplia a oferta de títulos do gênero em sua grade. “Dolunay” estreou recentemente na plataforma e tem como um de seus trunfos o astro Can Yaman no elenco.

Os “dizis” – palavra turca para “série de televisão” – lembram os folhetins nacionais em aspectos como número de episódios, tramas envolventes, reviravoltas e múltiplos núcleos de personagens. Desde a exibição das novelas “Mil e Uma Noites” e “Fatmagül: A Força do Amor” pela Band, em 2015, o gênero se destaca tanto na TV aberta, como no caso da Record, quanto no streaming.

Hoje, a plataforma da Globo conta com um catálogo recheado: “Hercai: Amor e Vingança”, “A Sonhadora”, “Armadilha do Amor”, “Marasli: O Protetor”, além de “Dolunay”. No Globoplay Novelas (antigo Viva), os fãs do gênero também podem acompanhar suas tramas favoritas na TV paga.

Em “Dolunay”, produção de 2017, uma estudante de gastronomia (interpreta da por Özge Gürel) encontra um empresário bem-sucedido (Yaman) que lhe oferece o posto de chef de cozinha em sua mansão. Devido a problemas na agenda, os dois nunca se esbarram na casa. A comunicação é feita por meio de bilhetinhos, o que aumenta o clima de romance entre o casal.

Para Guga Valente, gerente sênior de curadoria de conteúdo licenciado do

Globoplay, o sucesso das “dizis” pode ser atribuído a diversos fatores. “Elas se destacam pela qualidade técnica, tramas envolventes e temas universais que dialogam com o gosto do público”. “A variedade de gêneros, do drama à comédia romântica, amplia o alcance entre diferentes perfis de audiência”. Segundo ele, a plataforma de streaming contribui diretamente para esse crescimento ao realizar uma curadoria baseada em dados de consumo. Desse modo, o Globoplay oferece títulos alinhados às preferências dos usuários, fortalecendo o engajamento com o conteúdo. Valente conta que o amplo acesso a essas produções também influencia o interesse do público brasileiro. “A curadoria contínua e estreias exclusivas, como a de ‘Dolunay’, a exibição simul-

tânea no canal Globoplay Novelas e a dublagem de qualidade criam um funil de entrada forte e recorrente”.

Ele acrescenta que a distribuição multiplataforma, com horários variados na grade e oferta sob demanda, respeita hábitos diferentes do usuário. Isso facilita a descoberta e aumenta a “cauda longa do conteúdo”, referindo-se à capacidade de as novelas turcas atingirem um público mais diverso devido ao formato do streaming.

O protagonismo feminino nessas obras é outro chamariz. Na opinião de Valente, essa característica é um forte diferencial da “dramaturquia”. De acordo com ele, essas personagens costumam apresentar arcos de redenção carregados de drama que, somados a temas universais, como amor proibido, vingança, família e superação, e ao alto padrão de produção, representam a fórmula do sucesso entre os espectadores. Nas palavras de Valente, a TV Globo foi fundamental para consolidar no Brasil o gosto por novelas de alto padrão, transformando o gênero em um dos mais queridos do país. Com as dizis, essa paixão tem intensidade. “Há reviravoltas constantes e romances intensos que o público brasileiro adora maratonar”. ■



“Dolunay”, a mais recente novela turca do Globoplay, tem o astro Can Yaman no elenco, junto de Özge Gürel

DIVULGAÇÃO

"O mercado está muito bom"

Após o sucesso em "Garota do Momento", o ator Danton Mello celebra a boa fase do audiovisual, analisa sua trajetória e prepara sua volta às telas para os próximos meses

O ano para o mercado audiovisual brasileiro começou bem: em fevereiro, "O Último Azul", de Gabriel Mascaro, recebeu o Urso de Prata no Festival de Berlim. No mês seguinte, veio a conquista de Melhor Filme Internacional no Oscar com "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles. As plataformas de streaming estão repletas de produções nacionais. E as novelas, carro-chefe da TV aberta pelo lado do entretenimento, podem ser vistas em qualquer horário e em qualquer dispositivo. A percepção de que o setor está em alta é compartilhada pelo ator Danton Mello no videocast "Isto É Gente como a Gente", com Marília Barbosa e Sofia Magalhães.

"O mercado está muito bom. Não só para a gente, a classe artística, como também para técnicos e para o público", diz o ator. A avaliação reflete não apenas um momento de aquecimento na indústria, mas também a fase de sua própria carreira. Aos 50 anos e com quatro décadas de ofício, Danton vê um horizonte repleto de oportunidades. "A gente pode melhorar, pode ter mais. Mas o que temos já é um caminho", analisa. "A possibilidade de você assistir o que quiser, a hora que quiser e onde quiser é ótima", completa, celebrando a diversidade de janelas que hoje movimentam o setor. "Temos bastante coisa para streaming, cinema, televisão e o teatro também está indo muito bem". Em seu trabalho mais recente, a novela "Garota do Momento", da TV Globo, encerrada em junho, Danton obteve um reconhecimento como não via há tempos. Seu papel, o personagem

Raimundo, parecia ser o de um pai de família ranzinza e chato. Mas ele ganhou contornos "histriônicos" em sua interpretação. A aposta caiu no gosto popular. "As pessoas na rua faziam os gestos que eu criei para o Raimundo e perguntavam da gastrite", conta.

Com uma carreira que começou aos 10 anos em "A Gata Comeu", Danton afirma que a profissão o escolheu e que aprendeu na prática, contracenando com gigantes. Ver as reprises de trabalhos antigos como "Tieta" e "A Via-

"A possibilidade de você assistir o que quiser e onde quiser é ótima", afirma Danton

gem" é, para ele, uma maneira de avaliar com carinho o quanto amadureceu. A chegada aos 50 anos, em maio, trouxe um olhar de orgulho para a trajetória. Apesar da extensa jornada, ele se vê como "eterno aprendiz". "A vida é um aprendizado, a gente está sempre mudando", reflete.

Após o ritmo intenso de 11 meses de gravação da novela, Danton tira um período de descanso em sua casa, em São Paulo. O hiato, no entanto, será breve. Embora já tenha recusado alguns convites, ele está lendo novos projetos.

No horizonte, há planos para cinema e séries para o final do ano e o primeiro semestre de 2026. Um desejo antigo, no entanto, ocupa um lugar especial: o retorno ao teatro. "Estou com muita saudade", diz. Mas ele pondera que, agora, prefere fazer um trabalho de cada vez para poder se dedicar integralmente a cada personagem.

Sobre seu irmão Selton Mello, 52 anos, que integra o elenco de "Ainda Estou Aqui", ele não economiza palavras: "É o amor da minha vida". Danton brinca que o Brasil inteiro é fã de Selton, mas ele é "irmão do CPF" de Selton Figueiredo Mello. "Para muitos, ele é referência de artista.

Tenho muito orgulho do que virou. Não é só ator; é diretor e produtor. Eu convivo com o ser humano. Cresci ao lado dele. É um grande parceiro, irmão maravilhoso, cara generoso demais. A gente apoia um ao outro", completa, ao analisar a trajetória de vida e carreira dos dois. ■



LEONARDO MONTEIRO

Filmes e séries

Dramas, comédias e uma premiação

Semana traz estreias dos brasileiros "Sonhar com Leões" e "A Sogra Perfeita 2". No streaming, Milton Nascimento e a festa do Emmy. A partir do dia 11

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

◀ "Downton Abbey: O Grande Final"

Terceiro e último filme da saga da família Crawley, sucesso como série. A história mostra escândalos e transições de poder na aristocracia sob a liderança de Lady Mary (Michelle Dockery) e Robert Crawley (Hugh Bonneville) na Inglaterra dos anos 1930.

◀ "Sonhar com Leões"

Nesta comédia dramática, uma brasileira em Lisboa (Denise Fraga) descobre que está com uma doença terminal. Seu último desejo é morrer com dignidade. Ela encontra um grupo que promove palestras sobre eutanásia.

◀ "A Última Ceia"

Drama que recria o clima entre os discípulos de Jesus Cristo na última ceia. A história é fiel à narrativa bíblica, explorando as questões individuais.

◀ "A Sogra Perfeita 2"

A personagem Neide, interpretada por Cacau Protásio, volta às telas. Depois de conquistar a casa própria, a cabeleireira é pedida em casamento pelo namorado, o português Oliveira, e recebe a visita surpreendente da sogra que tumultua seus dias.

Destaques do streaming

"Rei Lobo"

Fantasia baseada nos livros de Curtis Jobling. Nesta animação, um jovem comum, Drew, descobre que é o último de uma longa linhagem de lobisomens. Como se fosse pouco, é também o herdeiro do trono. Netflix.

"Milton Bituca Nascimento"

Documentário sobre a turnê de despedida de Milton Nascimento. A produção registra os últimos shows do artista, que tem o apelido de Bituca, revelando a emoção dos palcos e a forte ligação do cantor com seus fãs. Estreia no dia 13. Globoplay

"Largados e pelados Brasil: A Tribo"

Reality que estreia dia 14 com dez brasileiros, veteranos do desafio de 21 dias. Eles encaram uma jornada de 30 dias numa savana africana, mostrando se suas estratégias de sobrevivência evoluíram. HBO Max.

77° Emmy Awards

A cerimônia será transmitida ao vivo no dia 14, diretamente do Peacock Theatre, em Los Angeles. Diretamente do tapete vermelho, Carol Ribeiro comanda o pré-show com entrevistas com as grandes estrelas da noite. O comediante Nate Bargatze será o anfitrião da premiação que reconhece as melhores produções para TV. HBO Max e TNT.

A voz da transgressão

Angela Ro Ro marcou a cena musical com sucessos como “Amor, Meu Grande Amor” e construiu parcerias com nomes como Maria Bethânia e Zélia Duncan. A artista enfrentava problemas de saúde e dificuldades financeiras

A música brasileira perdeu uma de suas vozes mais autênticas e viscerais. Morreu na segunda-feira, 8, no Rio de Janeiro, a cantora e compositora Angela Ro Ro, aos 75 anos. Com um estilo marcado pelo vocal rouco e pela personalidade irreverente e transgressora, ela deixou um legado de canções que se tornaram hinos, como o clássico “Amor, Meu Grande Amor”. A artista estava internada desde junho no Hospital Silvestre, na Zona Sul do Rio de Janeiro, com uma infecção pulmonar. Em julho, passou por uma traqueostomia. Angela não resistiu a uma nova infecção. Por causa da saúde debilitada, Angela teve de cancelar shows e passou por dificuldades financeiras, que a levaram a fazer apelos públicos por ajuda. Antes da internação, ela havia pedido doações e oportunidades de trabalho em suas redes sociais. Na pandemia, como muitos artistas, também ficou sem recursos suficientes e recorreu aos fãs, pedindo ajuda. Desde que surgiu na cena musical nos anos 1970, Angela Maria Diniz Gonsalves – seu nome real; Ro Ro era um apelido da infância por sua voz rouca – se impôs como uma figura singular. Seu início se deu com uma participação diferente: tocou gaita na faixa “Nostalgia (That’s what rock’n roll is all about)”, do álbum “Transa”, de Caetano Veloso, trabalho gravado em Londres, onde Angela vivia na época. Seu primeiro álbum solo, em 1979, traz seu grande hit, “Amor, Meu Grande



REPRODUÇÃO FACEBOOK

Angela Ro Ro estava hospitalizada no Rio desde junho devido a uma infecção pulmonar. A artista teve nova complicação e não resistiu. Estava com 75 anos

Amor”, que também foi gravada pela banda Barão Vermelho, na voz de Frejat, em 1996. Outras canções que se tornaram sucessos são “Compasso”, “Fogueira” e “Só Nos Resta Viver”. Sua irreverência e talento atraíram parceiros ilustres, como Maria Bethânia, que gravou uma de suas composições, “Fogueira”, em 1983, no álbum Ciclo. Angela só gravou sua canção no ano seguinte, no álbum “A Vida É Mesmo Assim”. Outros artistas que gravaram

suas composições são Ney Matogrosso (“Balada da Arrasada”), Marina Lima (“Não Há Cabeça”) e Zélia Duncan (“Agito E Uso”).

Em uma época de intensa repressão social, Angela foi uma das primeiras personalidades públicas do país a assumir sua homossexualidade. Sua coragem abriu portas e a consolidou como uma porta-voz na luta contra a lesbofobia. Essa exposição, contudo, também teve um alto custo. Em entrevista ao programa “Conversa com Bial”, em 2018, ela contou que foi espancada cinco vezes por homofobia nos 1970 e 1980, revelando que perdeu a visão do olho direito em um desses ataques.

Em post nas redes sociais, a cantora Fafá de Belém contou quando a conheceu, na década de 1970, em Londres. “Louca, genial e abusada, como uma artista deve ser”. Ela a definiu como “compositora maravilhosa, grande autora e uma mulher que sangrava pelos poros. Uma mulher que nunca se poupou, era inteira”.

Zélia Duncan também homenageou Angela, “uma moça sem recato” e que “cantou lindo até encontrar o silêncio”. Como a artista escreveu nas redes, “tudo em Angela queria transgredir e tantas vezes até contra si mesma”. Para ela, Angela era “uma inteligência grande e malcriada. Um humor ágil e sem vergonha. Veia grossa de poesia”. E completou: “Suas lindíssimas e intensas canções, sempre vão falar de nós, mulheres que amam mulheres. E de todos que quiserem falar de amor. Todo amor”. ■

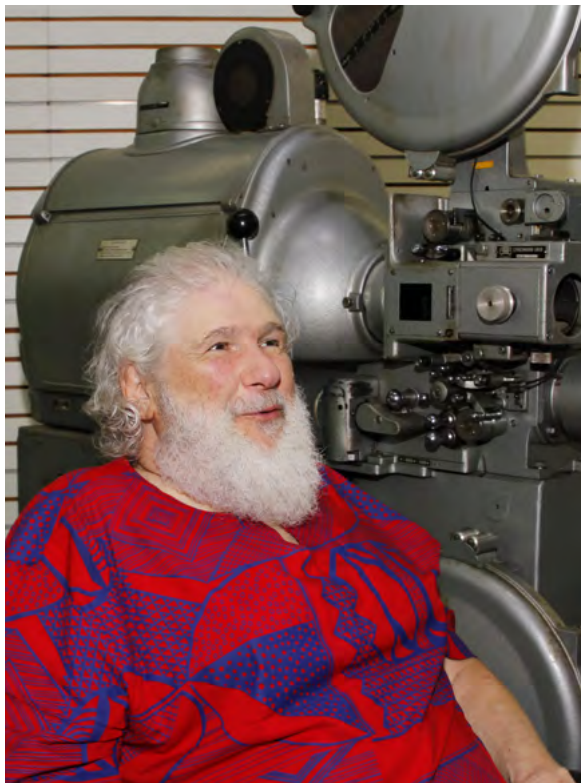
O documentarista da política brasileira

Cineasta e historiador, Silvio Tendler assina mais de 70 filmes, como “Os Anos JK” e “Jango”, que narram a história do país

Silvio Tendler, um dos grandes documentaristas do Brasil, morreu na sexta-feira, 5, aos 75 anos, em decorrência de uma infecção generalizada após dez anos enfrentando neuropatia diabética. Sua morte representa a perda de um artista que se tornou referência na forma de contar a história política e cultural do país por meio do cinema. Tendler fez de sua obra uma ponte entre passado e presente, levando para as telas biografias de personalidades que marcaram o cenário político e temas urgentes sobre democracia, justiça social e identidade nacional.

O cineasta era conhecido também como o “cineasta dos sonhos interrompidos”, por narrar histórias de pessoas que tiveram suas trajetórias encurtadas pela repressão ou morreram antes de realizar um projeto transformador. Entre seus trabalhos mais célebres estão “Os Anos JK – Uma Trajetória Política” (1980) e “Jango” (1984). Em 2011, lançou “Tancredo, a Travessia”, formando uma trilogia presidencial. Tendler retratou outras figuras históricas como Castro Alves, Glauber Rocha, Carlos Marighella e Milton Santos. Em 1992, atuou na direção da minissérie “Anos Rebeldes”, da Rede Globo.

Suas obras alcançaram marcas raras para documentários no Brasil: “O Mundo Mágico dos Trapalhões” teve 1,3 milhão de espectadores enquanto o filme “Os Anos JK” somou 800 mil. Ao lado desses sucessos, produziu tam-



Com “O Mundo Mágico dos Trapalhões” e “Os Anos JK”, Tendler obteve marcas raras para documentários no país

bém filmes de longa gestação, como “Utopia e Barbárie”, concluído após 20 anos de pesquisas e entrevistas, com vozes de nomes como Augusto Boal, Eduardo Galeano e Susan Sontag. Nascido no Rio de Janeiro, em 1950, Tendler envolveu-se cedo com o cineclubismo e a militância cultural. Perseguido pela ditadura, exilou-se no Chile e depois na França, onde se especializou em cinema documental aplicado às ciências sociais e, posteriormente, formou-se em história pela Université de Paris VII.

De volta ao Brasil em 1976, iniciou os preparativos para seu primeiro longa-metragem, “Os Anos JK”, que estreia quatro anos depois. Em 1981, fundou a Caliban Produções Cinematográficas por não encontrar parceiros para lançar “Jango”.

Ao longo da carreira, recebeu mais de 60 prêmios em festivais nacionais e internacionais, além de honrarias como a Ordem do Rio Branco, a Ordem do Mérito Cultural e a Medalha JK.

Cineastas e historiadores destacaram a relevância de seu legado. Para o cineasta baiano Sérgio Machado (“Cidade Baixa”), Tendler foi “absolutamente fundamental” não apenas na formação cinematográfica, mas também na formação política de uma geração. A antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz ressaltou, em sua conta no Instagram, que o diretor de “Jango” era um intérprete privilegiado do Brasil, um artista que sabia unir engajamento político

e sensibilidade estética.

A Academia Brasileira de Letras, em nota, destacou sua visão crítica e a capacidade de suscitar debates essenciais sobre a identidade nacional. E a Cinemateca destacou, em comunicado, que o vasto trabalho cinematográfico de Tendler é “base documental extremamente rica para o estudo do comportamento e da cultura no país”.

Silvio Tendler deixa a esposa Fabiana Versasi, a filha Ana Rosa Tendler, também cineasta, e um neto. ■

Votos, trabalho perdido e soluções

O julgamento do STF, um alerta para problemas associados a soluções prolongados (uma queixa de Jair Bolsonaro) e a revelação de Nathalia Dill de que perdeu trabalho por causa de voto agitaram as redes de IstoÉ

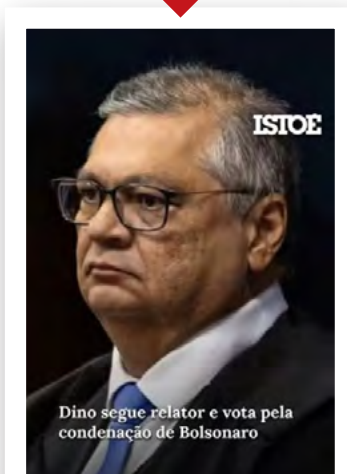


Julgamento 1 - Moraes vota para condenar Bolsonaro

O ministro Alexandre de Moraes, do STF, votou para condenar o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) por liderar uma tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022. Moraes, relator da ação, votou também pela condenação dos demais réus do “núcleo 1” da trama golpista.

Julgamento 2 - Dino segue o relator

O ministro Flávio Dino acompanhou Alexandre de Moraes e votou pela condenação de Bolsonaro e dos demais réus por suposta tentativa de golpe de Estado. Ele destacou: “Não há dúvida de que os níveis de culpabilidade são distintos. A dosimetria da pena deve ser proporcional ao papel de liderança que exerciam”.



Julgamento 3 - Fux e a “incompetência absoluta” da Primeira Turma

Durante seu voto, o ministro Luiz Fux afirmou que a Primeira Turma não tem competência para julgar o processo contra Jair Bolsonaro e os réus do “núcleo 1”. Ele usou como justificativa o fato de estarem julgando pessoas sem prerrogativa de foro. E defendeu que o caso deveria ser analisado pelo plenário do STF.



Nathalia Dill: trabalho perdido por causa de voto

A atriz Nathalia Dill revelou que deixou de receber uma proposta de trabalho por ter declarado voto em Luiz Inácio Lula da Silva, em 2022. A empresa responsável por uma campanha publicitária desistiu de contratá-la após conferir seu perfil no Instagram e ter visto uma imagem sua fazendo o “L” com a mão.

IstoÉ Minuto Saúde - Alerta para crise de soluções prolongados

O estado de saúde do ex-presidente Jair Bolsonaro tem preocupado familiares e aliados. Ele se queixa de soluções persistentes. Se as ocorrências são isoladas, eles são normalmente inofensivos. Se duram mais de 48 horas, podem indicar condições mais sérias, como refluxo, gastrite, pneumonia, desequilíbrios metabólicos e até tumores. Soluções ocorrem por contrações involuntárias do diafragma, músculo essencial para a respiração.



Palavra por palavra



JOSE CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

"A decretação da prisão preventiva de Eduardo Bolsonaro cumpre a função de interromper um ciclo de afrontas sucessivas às instituições brasileiras, praticadas à distância, mas com efeitos diretos no cenário político interno"

Lindbergh Farias (PT-RJ), deputado federal, em pedido ao STF pela prisão de Eduardo Bolsonaro (PL-SP)

"Não tem uma data certa ainda"

Hugo Motta (Republicanos-PB), presidente da Câmara dos Deputados, sobre pautar o projeto para ampliação da isenção do Imposto de Renda



LÉO MONTEIRO/ISTOÉ CDI

"A gente fabrica hoje medicamentos que salvam vidas e custam R\$ 5 ou R\$ 6. Não é luxo, é necessidade"

Karla Felmanas, vice-presidente da Cimed, no programa IstoÉ Mulher + Fructus Entrevista



VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

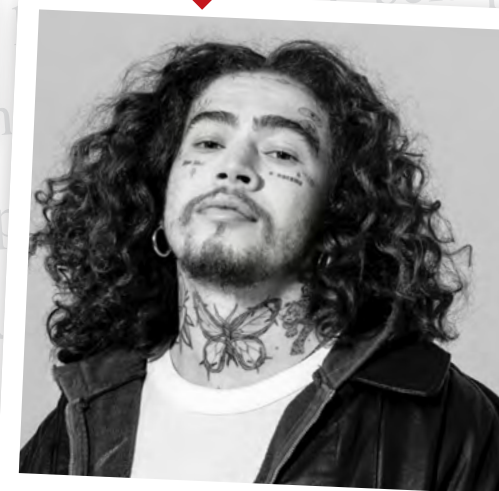
"Não adianta só fazer filmes; tem de aprender a captar recursos. Sem o fortalecimento de nossas empresas, não estamos em um lugar de tranquilidade fazendo filmes"

Viviane Ferreira, diretora do filme "Um Dia com Jerusa" (2020), sobre o estudo "Empresas audiovisuais vocacionadas para reparação histórica" e a baixa representatividade negra no setor



"Começo a beber e não consigo parar. Sei que vem de algum lugar, da minha superdotação, com a impulsividade que eu tenho. Então, tento não começar, porque acho que vou conseguir parar, mas não consigo. É complicado"

Whindersson Nunes, sobre dificuldade de lidar com álcool, em entrevista para "De Frente com Blogueirinha"



REPRODUÇÃO OIGRAM

REPRODUÇÃO OIGRAM

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

